



1-8 dez 2015

segundo festival internacional de cinema
teatro municipal rivoli · passos manuel · maus hábitos

**porto/
post/
doc**



- R1 Arquivo
- R2 Book
- R3 Café Vitória
- R4 Cafeína
- R5 Cantina 32
- R6 Cantinho do Avillez
- R7 Casa D'Oro
- R8 Champanheria Baixa Bistrô
- R9 Clérigos
- R10 Coma
- R11 Dona Gertrudes
- R12 Duas de Letra
- R13 Escondidinho
- R14 Flow
- R15 Food Corner
- R16 Gin & Tostas
- R17 Ginjal
- R18 Goshô
- R19 La Piada
- R20 Lado B
- R21 Liquid
- R22 Maria Dentada
- R23 Pizza & Drinks
- R24 Reco da Baixa
- R25 Regaleira
- R26 Reitoria
- R27 Romeo&Giulietta
- R28 Tapa Bento
- R29 Tasquinha do Caco
- R30 Terra
- R31 Wish
- R Rivoli
- MH Maus Hábitos
- PM Passos Manuel
- H1 Hotel Dom Henrique
- H2 Hotel Infante Sagres

editorial

Há um ano atrás, o Porto/Post/Doc provou que era possível ter, no Porto, um festival de cinema de grande qualidade de programação, com um público interessado e uma reputação internacional. A primeira edição foi um grande sucesso, partilhado com o pulsar cultural da cidade e das suas novas audiências.

Em 2015, seremos ainda melhores. Para isso, programámos uma seleção de filmes que mostrará o melhor do cinema documental contemporâneo do último ano. Pressentimos que essa qualidade é evidente a cada obra que selecionámos: o mundo à nossa volta muda a cada instante, e estes documentários são o sinal dessa mudança, que é tão terrível como admirável. Mais uma vez, a nossa competição será uma marca identitária, com filmes que desafiam as fronteiras pré-definidas entre ficção e documentário. São doze grandes obras.

Mas este ano vamos ainda mais longe, com três focos específicos em três cineastas que transformaram o documentário, mesmo que em épocas diferentes. Entre Lionel Rogosin, Thom Andersen e Chantal Akerman há uma distância de décadas, mas em todos há um evidente empenhamento político: o documentário pode e deve servir para denunciar, mostrar ou preservar o movimento humano do mundo.

Também para pensar o documentário, continuaremos o nosso Fórum do Real, que, durante dois dias, discutirá o tema deste ano, “Documentar o Imaginário”, com diversos especialistas e criadores.

O Porto/Post/Doc é também aberto às novas tendências do novo século. Por isso, este ano estaremos em modo *teenage*, com filmes que debatem e pesquisam essa identidade instável mas criativa da idade “entre” a infância e a vida adulta.

De 1 a 8 de dezembro, a baixa do Porto será uma pequena cidade do cinema, onde os imaginários do mundo serão mostrados ao nosso público, com o qual queremos transformar a cidade num local cosmopolita e sofisticado. Esperamos por vocês. ⚡

Competição 2

Doze longas-metragens provenientes de várias geografias e temáticas, que representam a excelência e diversidade do documentário contemporâneo e o colocam dentro das novas formas híbridas do cinema atual.

Foco Thom Andersen 6

A oportunidade para ver a obra cinematográfica de um dos mais luminosos e secretos realizadores americanos, cujo trabalho fílmico e pedagógico questiona as relações entre o cinema e o real.

Working Class Heroes - Lionel Rogosin 10

O cinema independente americano tem alguns heróis. Um deles é Lionel Rogosin, um autodidata que fez alguns documentários intensos sobre a realidade dos marginalizados entre os anos 50 e 60. Este foco permitirá ver duas das suas obras maiores.

Homenagem Chantal Akerman 14

Depois da notícia da trágica morte da cineasta belga, o festival promove uma homenagem com a exibição de dois documentários seus e um filme sobre a sua obra.

Teenage 18

A adolescência é um embrião das novas tendências e da cultura popular, uma celebração de uma identidade fluida e instável. Nesta secção, veremos filmes feitos por *teenagers*, para *teenagers* ou sobre *teenagers*. A revolução começa agora!

Fórum do Real 24

O pensamento sobre o documentário do futuro é também fundamental para um festival como o Porto/Post/Doc. O Fórum do Real, organizado em dois dias, permitirá fazer uma discussão sobre o estatuto das imagens em movimento com cineastas, programadores, académicos e artistas.

Cinefiesta 26

Voltamos a ter uma *fiesta* de cinema com o melhor do documentário contemporâneo produzido em Espanha, país que partilha inúmeras tradições e relações culturais com Portugal.

Transmission 28

Um programa sobre a exploração de múltiplas relações entre a música e as imagens em movimento, com sessões de cinema, concertos e DJ Sets para os melómanos.

Cinema Falado 30

Uma das grandes missões do Porto/Post/Doc é apresentar ao público as melhores produções de documentário faladas em português. Este ano, veremos uma seleção de alguns dos melhores filmes portugueses.

Cartes Blanches 32

Todos os anos, o Porto/Post/Doc convida cineastas e programadores para escolherem um filme ou uma sessão do festival. Em 2015, será um privilégio ver os filmes escolhidos por Dennis Lim e pelo festival Les Rencontres Internationales.

School Trip 36

Para contrariar a escassez de público, gerar e educar novas audiências, criamos um Programa Educativo que engloba sessões de cinema, produções de mini-docs, workshops e até um júri composto por alunos.

Com a segunda edição do Porto/Post/Doc chegou a confirmação de que há histórias reais que devem ocupar as salas de cinema, sejam elas sobre grandes acontecimentos históricos ou sobre vidas anónimas. Histórias atuais que nos fazem vislumbrar o futuro; ou reflexões sobre o passado, pressentindo que, na verdade, muito provavelmente, os problemas se voltarão a repetir, noutros lugares e noutros tempos. Filmes sobre um indivíduo ou sobre co-

munidades inteiras: a complexidade do singular ou a desumanização inerente ao plural.

Cada um dos temas tratados é abordado de forma original, mostrando uma nova reflexão sobre o mundo em que vivemos, mas também, e principalmente, revelando como cada realizador vê o documentário, um conceito cada vez mais lato e abrangente, mais imbuído de uma marca autoral e sem restrições formais. Privilegiamos esta liberdade de

pensamento e criação, que por vezes traz consigo fronteiras tênues entre realidade e ficção. Desde o Lesoto a Trás-os-Montes, da China à Argentina, os filmes desdobram-se em soluções cinematográficas e maneiras de contar cada história particular. Pois todas estas histórias merecem ser contadas. **⚡**

Lídia Queirós

Coming Of Age ^{EN}



Teboho Edkins · 2015 · África do Sul/ Lesoto/Alemanha · 63'

O realizador Teboho Edkins regressou ao país onde cresceu para ao longo de dois anos acompanhar a vida de dois irmãos e duas amigas adolescentes nas inóspitas montanhas do Lesoto. É um momento decisivo para eles... Abraçar uma vida com os rebanhos, perpetuando a tradição familiar, ou abandonar a aldeia, talvez para sempre, para frequentar a escola secundária. Os quatro são confrontados com a entrada na idade adulta numa sociedade onde a tradição, o dever e a obstinação têm um peso preponderante. **SG**

TER 01	Rivoli Auditório IAC · 15:00
SEX 04	Passos Manuel · 19:00

Exotica, Erotica, Etc. ^{EN}



Evangelia Kranioti · 2015 · França · 73'

A relação entre marinheiros e prostitutas é, neste filme, aprofundada de forma especialmente orgânica, retratando o rumo da vida destas pessoas como o próprio oceano, com ondas e marés, turbulentas mas rotineiras, quase como se fossem rituais. Sandy, ex-prostituta com uma vida marcada pelos seus romances temporários, é a protagonista de *Exotica, Erotica, Etc.*, concedendo ao filme uma aura mitológica, como se fosse uma sereia encantadora de homens e os depoimentos dos marinheiros representassem as provações e tentações de Ulisses e seus companheiros. Este documentário de Evangelia Kranioti, artista visual radicada em França, é um ensaio de extrema poesia sobre o amor, mas também sobre a entrega e o desejo. **AO**

TER 01	Passos Manuel · 16:30
SEX 04	Rivoli Auditório IAC · 22:30

Las Letras ^{EN}



Pablo Chavarría Gutiérrez · 2015 México · 75'

Em 12 de junho de 2000, no município de Simojovel, um grupo de polícias de Chiapas é emboscado na estrada por um grupo armado, tendo sete sido mortos. Alberto Patistán Gómez, professor e ativista indígena mexicano, foi declarado culpado do crime e sentenciado a 60 anos de prisão. As cartas que escreveu à irmã a partir da prisão são uma acusação feroz a um sistema mexicano corrupto, e é a partir delas que Pablo Chavarría Gutiérrez reconstrói as memórias do recluso de uma forma quase sensorial, quebrando as regras do documentário clássico. **SG**

TER 01	Passos Manuel · 19:00
SEX 04	Rivoli Auditório IAC · 15:00



The Event

Sergei Loznitsa · 2015 · Holanda/Bélgica · 74'

Sergei Loznitsa leva-nos de volta às ruas da União Soviética, em 1991, quando o *Putsch*, golpe de estado que acabou por falhar, conduz uma série de novos protagonistas ao poder. A população junta-se nas praças para tentar saber mais, atenta às sucessivas informações oficiais e rumores. Enquanto isso, a televisão e a rádio transmitem *O Lago dos Cisnes* de Tchaikovsky. *The Event* é uma revisitação a esses momentos dramáticos e ao nascimento da “democracia russa”, um filme de *found-footage* que mostra de um novo ângulo e de forma refrescante a Rússia de Gorbachev, Yeltsin e Putin. **AO**

TER 01	Rivoli Auditório IAC · 22:30
SEX 04	Passos Manuel · 16:30

Toponimia ^{EN}



Jonathan Perel · 2015 · Argentina · 82'

Num estilo rigoroso e austero, Jonathan Perel mostra-nos as faces atuais de um conjunto de pequenas cidades na província de Tucumán, Argentina. Essas cidades são uma construção com marcas de história: foram feitas para conter e fazer desaparecer a guerrilha, que se escondia nesta zona do país. O realizador contrasta diversos elementos de arquivo – como documentos oficiais, mapas e fotografias, que funcionam aqui como um elemento de utopia – com uma realidade contemporânea, onde estas cidades são apenas lugares habitados pelo dia-a-dia e onde o tempo já quase apagou o futuro que fora inventado para elas. Lentamente, o filme joga com a observação atenta desses lugares, vendo as casas, mas também as estátuas, as frases escritas nas paredes ou os edifícios públicos. Apesar de tudo, a vida continua. **DR**

QUA 02	Rivoli Auditório IAC · 15:00
SAB 05	Passos Manuel · 19:00

Portugal – Um Dia de Cada Vez



João Canijo, Anabela Moreira · 2015 Portugal · 155'

Desde que acordam até que se deitam, tudo passa devagar para estes transmontanos, cuja vida rotineira e muitas vezes triste os impede de sonhar com um futuro melhor. *Portugal – Um Dia de Cada Vez* não ia ser um filme – as 300 horas de filmagens faziam parte do processo de pré-produção para outro projeto de Canijo. Mas as vidas destas mulheres, que tão fielmente representam o país em crise, mereciam ser partilhadas. Assim, através do olhar doce de Anabela Moreira, que nos mostra o mais íntimo e mundano sem qualquer sensação de invasão da vida privada, sentamos e ouvimo-las: as suas desgraças, preocupações, os seus olhos brilhantes quando falam do enredo das novelas favoritas. Não são existências grandiosas nem histórias emocionantes, mas na trivialidade das suas vidas vislumbramos o que há de mais humano. **LQ**

QUA 02	Passos Manuel · 16:30
SAB 05	Rivoli Auditório IAC · 22:30

EN Estreia Nacional
EE Estreia Europeia
EM Estreia Mundial
IAC Isabel Alves Costa
MO Manoel de Oliveira

White Coal ^{EN}



Georg Tiller · 2015 · Áustria · 70'

O universo industrial separado por milhares de quilómetros: uma fábrica de carvão na Polónia é retratada a preto e branco; a maior central de energia eléctrica movida a carvão, em Taiwan, é mostrada a cores. Numa das cenas, acompanhando, num barco, um grupo de trabalhadores, as imagens remetem para o romance de Herman Melville, "O Homem de Confiança". Este é um filme-viagem que documenta duas realidades distintas ligadas pelas relações laborais do Homem com o solo e a Terra. Um poema visual escrito pelo percorrer da câmara pelo espaço e que reflete simultaneamente o tempo que passa. Há o que é real mas cabe também o sonho e a reflexão. **CR**

QUA	02	Passos Manuel · 19:00
SÁB	05	Rivoli Auditório IAC · 15:00

Killing Time – Entre Deux Fronts ^{EN}



Lydie Wisshaupt-Claudel · 2015
Bélgica/França · 88'

De súbito, entramos no dia a dia de um grupo de *marines* de regresso do Afeganistão e do Iraque estacionados algures na paz terrena de uma base militar nos EUA. Agarrados à terra e junto das suas famílias, deslocadas para este lugar exatamente por serem a família de um militar, todos sobrevivem bem no meio do deserto do Mojave na Califórnia. Estamos em Twentynine Palms, uma cidade militar com quase dez mil habitantes, que ali estão por fazerem parte de uma força de elite a caminho da próxima guerra ou em treinos de preparação. O enquadramento geográfico e humano das suas vidas em intervalo de missões só vem reforçar, de forma subtil, a força absurda de uma existência dedicada a fazer a guerra. O tema aqui contado, sem entrevistas e sem comentários, acontece num movimento temporal de muita contenção e grande beleza cinematográfica. Os protagonistas estão como peixes fora de água, desta vez sem uma guerra para fazer, mas com a força da evocação de quem são, sempre à espreita, seja quando estão em casa, seja nos gestos banais do quotidiano. **DO**

QUA	02	Rivoli Auditório IAC · 22:30
SÁB	05	Passos Manuel · 16:30

A Toca do Lobo



Catarina Mourão · 2015 · Portugal · 102'

Pode a memória ser um sonho? E como podem as relações dos nossos antepassados influenciar as nossas próprias relações? Seguimos Catarina Mourão numa viagem íntima e delicada através da história da família, interligada com a do próprio país e da ditadura, onde desvendamos a vida do escritor Tomaz de Figueiredo, o avô ausente. Nesse percurso entre gerações, mais do que documento biográfico, somos subtilmente recordados da necessidade de percebermos de onde vivimos para descobriremos para onde vamos. **TS**

QUI	03	Rivoli Auditório IAC · 15:00
DOM	06	Passos Manuel · 19:00

Cartel Land ^{EN}



Matthew Heineman · 2015 · EUA/México · 98'

Este é um filme sobre a sobrevivência. De um lado, um grupo armado que patrulha a fronteira norte-americana, numa zona conhecida por "Cocaine Valley". Do outro, a formação das milícias de autodefesa formadas pelo médico José Meireles para o combate ao cartel de droga "Los Caballeros Templarios". Matthew Heineman filmou onde poucos se aventuraram a filmar, acompanhando duas histórias paralelas na fronteira entre o México e os EUA. É um documentário político que expõe as fragilidades do sistema e onde a vida humana conta muito pouco. *Cartel Land* é uma viagem pelo coração das trevas, um filme em que à violência se responde com violência, um ciclo fechado de onde parece não haver saída. **PN**

QUI	03	Passos Manuel · 16:30
DOM	06	Rivoli Auditório IAC · 22:30

Las Vegas in 16 Parts ^{EM}



Luciano Piazza · 2015 · EUA · 65'

Numa viagem extasiante por Las Vegas – lugar já próximo do imaginário dos espectadores –, este filme coloca-se no centro de todos os ideais celebrados, como o desejo, o materialismo, o excesso e o prazer. Somos conduzidos pelas iconografias e simbologias dos espaços para conhecer a cidade de forma gradual, em que cada parte do filme se revela como uma camada mais profunda, tal como qualquer visitante a poderá conhecer. Percorremos a cada passo a evolução dos tempos e a relação do Homem com o meio, num espaço-local em que tudo se mantém mas tudo se adapta consecutivamente à transformação da sociedade, com uma visão crua dos valores que são propulsionados por esta cidade. **AS**

QUI	03	Passos Manuel · 19:00
DOM	06	Rivoli Auditório IAC · 15:00

Behemoth ^{EN}

Zhao Liang · 2015 · China/França · 95'

Algures nos confins da China contemporânea, as montanhas estão a ser destruídas para a produção de aço. A escala é gigantesca, quase não parece humana, e isso contrasta com o labor paciente de milhares de trabalhadores que, face ao trabalho árduo, mantêm diversos sinais de terror: um rosto coberto de pó, um pulmão condenado à destruição. Para Zhao Liang, há qualquer coisa de errado: o ser humano já não parece ser quem é, mas um resquício de uma civilização antiga e destruída. *Behemoth* aparenta ser, a espaços, um filme de ficção científica, uma espécie de distopia com os seus *zombies* e cidades desertas. É precisamente no culminar do filme que Liang nos mostra a evidência: no final deste ciclo de "crescimento e evolução" restam prédios a perder de vista e todos eles vazios. Por isso mesmo, este é um filme, ao mesmo tempo, poético e aterrador. **DR**

QUI	03	Rivoli Auditório IAC · 22:30
DOM	06	Passos Manuel · 16:30



O cineasta-provocador



The cinema must restore our belief in the world (...) before or beyond words — Gilles Deleuze

Uma das expressões mais bizarras da cultura contemporânea é a cinefilia no seu sentido mais puro: o amor ao cinema. A cinefilia é algo que se vive, que se transmite, que se trata com o extremo cuidado das coisas frágeis. Os filmes bons salvam a vida dos cinéfilos, repõem uma certa bondade intrínseca do mundo. Se não fosse pelos filmes, pelas aulas ou pelas palavras, pelo menos Thom Andersen seria um cinéfilo, alguém que não distingue no mundo

o cinema do não-cinema. Professor da prestigiada CalArts, escola de artes em Los Angeles, Andersen, nascido em Chicago no ano de 1943, é um cineasta de afetos, compondo uma filmografia não muito extensa, mas particularmente bem articulada e pensada ao pormenor. É talvez a sua faceta pedagógica que nos obriga, passo-a-passo, a voltar a olhar para o cinema ou para lugares de memória (mais uma vez, é indistinto se esses lugares pertencem às imagens em movimento ou ao nosso olhar humano), descobrindo o que está por trás, a tensa política do mundo em cada rosto de uma estrela de Hollywood ou do

mural comunitário perdido num beco de Los Angeles.

Formado pela USC School of Cinematic Arts, de Los Angeles, Thom Andersen fez os seus primeiros trabalhos académicos ainda nos anos sessenta, com as curtas-metragens: *Melting* (1965), -- ---- (1966-67) (aka *The Rock n Roll Movie*) e *Olivia's Place* (1966/74). É, no entanto, com a sua primeira longa-metragem que o realizador produz o seu primeiro trabalho de fôlego, analisando a arqueologia do cinema nos trabalhos do fotógrafo, pioneiro e experimentador Eadweard Muybridge. Neste filme, Andersen mostra já a sua acutilância na análise política

das imagens e da sua própria produção. Neste sentido, veremos, aqui e em filmes posteriores, a forma como o seu trabalho resgata as imagens perdidas nos arquivos do tempo e olha para elas com um novo olhar, comprometido numa visão marxista do mundo: quem explora e quem é explorado.

Por exemplo, com *Red Hollywood*, de 1996 (realizado com Noël Burch), Thom Andersen analisa os traços comunistas de argumentistas e realizadores que foram apagados da história do cinema depois da caça às bruxas protagonizada pelo senador Joseph McCarthy e de que resultou uma *blacklist* destes e de outros autores. Neste filme, o cineasta vai, pacientemente, desocultando essas imagens e sons, vendoneles a marca da denúncia social e de um reverso total do cinema de estrelas de Hollywood. É um filme de extrema pedagogia (e foi editado também um livro homónimo) e lança, definitivamente, o método de trabalho que culminou na sua obra-prima: *Los Angeles Plays Itself*, filme que começou por ser um conjunto de aulas que Andersen orientava na CalArts.

Los Angeles Plays Itself é um vídeo-ensaio *avant la lettre*, em que é desmontada a representação do espaço no cinema. Para Andersen, o espaço é um fator político porque implica um envolvimento do realizador com o que é retratado. Em *Los Angeles*, o cineasta mostra como a cidade é utilizada de forma caótica, anacrónica ou cómica, precisamente por ser a meca do cinema e onde todos os estúdios se encontram. Por isso mesmo, Andersen mostra os filmes verdadeiramente

concordantes com a realidade do espaço, com aquilo que é mais profundamente identitário da cidade, em contraste com aqueles em que a cidade é um mero estúdio para inventar outras realidades. O método será sempre o mesmo: excertos de filmes montados sobre uma *voz-off* cristalina, pedagógica e mesmo irónica. É, aliás, a ironia uma das marcas do realizador, como se apenas olhando dessa forma fosse possível afrontar a máquina industrial de Hollywood.

A ironia é, muitas vezes, associada a uma assumida nostalgia — uma das marcas de um cinéfilo inveterado: saber que o grande cinema é raro e que o passado encerra obras determinantes da história da arte. Essa nostalgia, ao lado de uma vertente mais política, está presente em *Get Out of the Car*, em que Andersen mostra como Los Angeles está num processo de apagar o passado. Curiosamente, esta curta-metragem é muito divertida — pelos apartes do próprio Andersen — e a ironia está logo patente no seu título: Los Angeles — a cidade das grandes autoestradas — precisa de voltar a olhar para si mesma, caminhar pelos seus becos e pelas suas ruas.

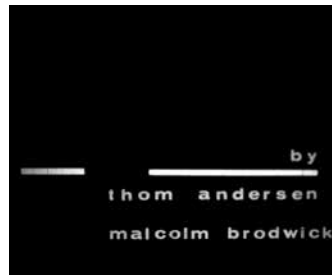
A ruína, o passado e aquilo que desaparece com o tempo resulta também no filme mais português do cineasta: *Reconversão*, uma obra realizada em Portugal e sobre a obra do arquiteto português Eduardo Souto de Moura. Trocando o 16mm nostálgico de *Get Out of the Car*, por uma técnica de *timelapse* inventada pelo seu colaborador e cineasta Peter Bo Rappmund, em que o tempo parece suspenso, revela-se como a obra de Souto de Moura é tanto

construção como ruína (é sintomático que uma das obras mais vibrantes deste documentário seja um edifício que o arquiteto projetou sobre a ruína de um anterior projeto seu).

O trabalho de Thom Andersen pode ser comparado ao de um arqueólogo que resgata as imagens dando-lhes novos sentidos, provocando uma revolta das próprias imagens, agora isoladas e transcendidas das narrativas onde estavam inseridas. Isso é evidente em *The Thoughts That Once We Had* (2015), uma história pessoal do cinema, que volta ao sentido pedagógico-político de *Los Angeles Plays Itself*, mas agora numa abrangência absoluta das imagens em movimento e da sua história. O filme é uma espécie de glória do cinéfilo, uma ambição em ver o mundo através destes filmes e com eles provocar uma rutura com o devir capitalista do futuro. Para isso, Andersen escreve no final deste filme: “To those who have nothing must be restored the cinema”. O cinema como salvação do mundo é, pois, na cinefilia extremada de Thom Andersen, uma arma da revolução. ⚡

Daniel Ribas

---- (aka The Rock N Roll Movie)



Thom Andersen, Malcolm Brodwick
1966/67 · EUA · 11'

Em “----”, Thom Andersen e Malcom Brodwick exploram, quase até à exaustão, o processo de montagem de um filme. Partindo de uma estrutura pré-determinada, seguem uma sequência de equações de imagem/som com introdução de variantes aleatórias. Enquanto, verticalmente, “----” segue uma estrutura rígida, horizontalmente é completamente aleatório. Mas no final o resultado é uma evocação inebriante e frenética da cultura *rock* emergente em Los Angeles na década de 60. Ou simplesmente... “Um documentário sobre Rock ‘n’ Roll”. **SG**

Eadweard Muybridge, Zoopraxographer

EN



Thom Andersen, Fay Andersen, Morgan Fisher · 1974 · EUA · 59'

A primeira longa-metragem de Thom Andersen é um documentário sobre o nascimento do protocinema, numa aventura técnica e criativa protagonizada pelo fotógrafo Eadweard Muybridge. Ao longo do filme, o realizador procura explicar o projeto megalómano de Muybridge, que pretendia retratar toda a espécie de movimento animal (incluindo o humano) – num projeto denominado *Animal Locomotion: an Electro-Photographic Investigation of Connective Phases of Animal Movements* – e que é um primórdio do cinema, mesmo na sua projeção: com o sistema de Zoopraxiscópio, inventando pelo próprio fotógrafo. Mesmo que a inovação de Muybridge tenha sido rapidamente ultrapassada pelos sistemas dos irmãos Lumière e de Thomas Edison, para Andersen é interessante analisar, metodicamente, a visão de mundo que sai daqueles milhares de imagens, uma visão ousada e destemida que coloca Muybridge como um dos grandes artistas do século XIX. **DR**

QUI 03 Rivoli Auditório IAC · 18:30



Red Hollywood

EN

Thom Andersen, Noel Burch · 1996
EUA · 118'

Um documentário revelador que, dando seguimento ao ensaio homónimo de Andersen de 1985, examina a “Hollywood Blacklist”, que entre as décadas de 1930-1950, lançou, no interior dos estúdios de Hollywood, suspeitas de comunismo sobre realizadores e argumentistas, sinalizados pela House Un-American Activities Committee. Uma série de entrevistas a alguns dos nomes envolvidos neste processo, contextualizada por excertos de 53 filmes que construíram propostas emancipatórias face a questões como a classe, o género, a raça ou a guerra, demonstra que modelos instituíam esta perseguição e censura, por um poder dominante receoso do peso de Hollywood e consciente das possibilidades do cinema como veículo de ideologia. Uma análise decisiva da história do cinema americano. **SM**

QUI 03 Passos Manuel · 22:15

The Thoughts That Once We Had

EN



Thom Andersen · 2015 · EUA · 108'

Formalmente, o mais liberto dos filmes de Andersen: longe da habitual organização por capítulos e *voz off*, os blocos sucedem-se num modelo imediato de contrarresposta, como se testemunhássemos a espontaneidade de um *brainstorming*. Citações atribuídas a Deleuze guiam esta análise da história do cinema que, iniciada na descoberta do rosto humano pelo cinema mudo, ensaia uma correspondência entre uma história das ideias e uma história das imagens. Irredutíveis construções da ideologia – do comunismo, do fascismo, do capitalismo – as imagens são documentos vitais perante o exercício de examinar o passado, são testemunhos do que se perdeu. Andersen responde a *Hiroshima Mon Amour*: “Tu não viste nada em Hiroshima / Nada / Porque já não havia nada para ver”. **SM**

DOM 06 Passos Manuel · 22:15

Get Out of the Car



Thom Andersen · 2010 · EUA · 34'

Depois de *Los Angeles Plays Itself*, Thom Andersen continua a explorar a cidade onde vive... Uma sinfonia urbana em 16mm onde somos convidados a deambular entre painéis publicitários, antigos postos de gasolina, ligas menores de basebol e murais em becos escondidos da cidade enquanto ouvimos excertos de conversas e velhas músicas. Aqui as preocupações teóricas do realizador são menores quando comparadas com uma evocação nostálgica de um local. **SG**

The Tony Longo Trilogy



Thom Andersen · 2014 · EUA · 14'

Quem é Tony Longo? Um ator que apesar de limitado a pequenas aparições em filmes é um axioma do cinema de ação de Hollywood: o gigante mudo que guarda costas do mau da fita mas que tem um coração demasiado bondoso. Composto por três partes, *Hey Asshole!*, *Adam Keshner* e *You Fucking Dickhead!*, a trilogia de Tony Longo mostra-nos todas as cenas mais carismáticas do ator: *The Takeover* (Troy Cook, 1995), *Living in Peril* (Jack Ersgard, 1997) e *Mulholland Dr.* (David Lynch, 2001). Tony Longo não é um ator famoso ou facilmente reconhecível e Thom Andersen ironiza com esse facto dando um rosto ao nome que nos é desconhecido. **SG**

Juke: Passages From Films By Spencer Williams

EN

Thom Andersen · 2015 · EUA · 29'

No âmbito de uma comissão do MoMA, Thom Andersen evoca Spencer Williams, ator e realizador afro-americano que traçou um caminho precursor face ao conservadorismo da indústria de Hollywood da década de 1940. *Juke: Passages From the Films of Spencer Williams* recorda-nos como os filmes que Williams realizou e protagonizou não só não estão perdidos, como contém questões essenciais a ser reexaminadas para uma justa reflexão do lugar da cultura negra nas dinâmicas da sociedade americana. A atualidade deste resgate, construído sob a forma de uma entrelaçação de excertos, aponta a permanente escassez da representação da comunidade afro-americana em Hollywood até ao presente. **SM**

DOM 07 Passos Manuel · 19:00



Lionel Rogosin: Auschwitz, Todos os Dias

O que levou um engenheiro químico, filho de um magnata da indústria têxtil, a abdicar do negócio familiar e a lançar-se de cabeça numa área sobre a qual não dispunha de quaisquer conhecimentos? A resposta de Lionel Rogosin é quase tão surpreendente quanto a própria pergunta: “Um dia disse ‘bem, vou sair do negócio dos têxteis’”, narra ele numa entrevista incluída no documentário *The Perfect Team: The Making of ‘On the Bowery’* (2009), realizado pelo seu filho Michael Rogosin. Depois esclarece as suas razões: “Vou fazer filmes sobre o que se está a passar no mundo. Tínhamos acabado de sair do Holocausto, que foi doentio. Alguma coisa estava mal. Eu tinha de descobrir o quê. Com a minha câmara”. Estamos nos anos 50 e não há nada próximo de um contexto de produção favorável – nem sequer social ou político, dadas as chagas ainda bem vivas do McCarthismo – a um cinema político ou socialmente engajado, feito por um amator com uma câmara e pouco mais. Pouco mais ou... nem tanto. A razão desta volta de 180 graus na vida de Rogosin é tudo menos uma “razão menor”: documentar, intervir, mudar, olhar na cara e *dar cara* aos problemas do mundo.

Rogosin servira a marinha durante a Segunda Guerra Mundial e, desde jovem, como nos conta o filho, foi testemunha e, por ser judeu, vítima de discriminação racial e religiosa no seu próprio país. As imagens da *Shoah* representarão para Rogosin o resultado de décadas ou séculos de perseguições e constantes atropelos às liberdades e garantias das minorias raciais, religiosas, políticas e culturais. Se o cinema foi um instrumento privilegiado de perpetuação de crimes, através da propaganda, e depois do re-

gisto da barbárie, Rogosin procurava “redimir a realidade física”, virando a sua câmara para os cantos mais recônditos onde se iam cozinhando as tensões que estavam a alimentar os grandes conflitos do amanhã. Para aprender a filmar, Rogosin encontrará duas escolas: a vida, em primeiro lugar; e os filmes, em segundo. Se por um lado dirá, naquele mesmo documentário, que o bairro da Bowery, em Nova Iorque, foi a sua escola para aprender a fazer cinema, por outro lado não esconderá que parte do seu processo de descoberta das tais causas profundas para o que “está mal” se deveu à descoberta no MoMA dos neorealistas italianos e de Robert Flaherty.

Terá também ido buscar inspiração e motivação a um pequeno filme de muito baixo orçamento que alcançara um sucesso sem precedentes. Em entrevista à *Écran*, em 1982, Rogosin diz: “Um filme independente do pós-guerra tocou-me muito, tratou-se de *The Quiet One* (1948) de Sidney Meyers – a vida quotidiana de um jovem negro autista no Harlem, o seu ambiente familiar e social: seguramente o primeiro filme americano de baixo orçamento”. *The Quiet One* aparecerá como uma influência mais direta no segundo filme de Rogosin, *Come Back, Africa* (1959). Na realidade, *On the Bowery* serviu como aquecimento para a realização de um filme que Rogosin tinha em mente como o projeto mais adequado para expressar a sua visão humanista e formar consciências para lá de Auschwitz. O universo concentracionário do *apartheid* em Joanesburgo segue-se ao círculo infernal da Bowery, dentro de um regime de produção muito especial, quase sem meios e clandestino. Era

também, e desta vez *essencialmente*, um filme feito em colaboração com os seus não-atores, nascido do rosto e da presença de um ator encontrado na rua após nove meses de procura, Zachariah, uma das vítimas da violência diária do racismo na África do Sul. *Come Back, Africa* será o primeiro de três filmes que Rogosin irá dedicar ao “problema negro”. Todos eles darão voz a quem não tinha voz, um rosto a quem não tinha rosto. Rogosin reconhecerá, em entrevista, que fizera *Come Back, Africa* pensando na situação dos negros do seu país, o que o leva nos filmes seguintes, *Black Roots* (1970) e *Black Fantasy* (1972), a enfrentar o problema de frente.

Em *On the Bowery*, a câmara de Rogosin filma homens que não são mais homens mas cadáveres em movimento, que cambaleiam ou se arrastam pelo chão, que sinalizam a entrada no Inferno. Num letreiro escuro, Dante leu: “Deixai toda a esperança, vós que entrais”. O inferno da Bowery, ao contrário do de Dante, não precisa de letreiros para dizer o mesmo. Nele basta ao espectador fazer como manda a regra dos cinemas de Flaherty e Rossellini: apenas observar. Ainda não terminaram os créditos e já se percebe um pouco melhor a resposta de Rogosin à pergunta: “porquê filmar?” No final de *Perfect Team*, Michael Rogosin revela a resposta mais significativa: “De certa maneira, eu vivi como se estivesse a tentar destruir Auschwitz. Todos os dias da minha vida”. Viveu assim, filiou assim. Mas porquê a Bowery e os seus homens? Porque aquela era a sua imagem mais imediata de Auschwitz e aqueles corpos sem idade, caídos no chão como lixo, eram os “Muselmänner”¹



O Foco Lionel Rogosin é realizado em parceria com o sítio **A Pala de Walsh**

que a sociedade não queria encarar. O horror da guerra havia sido uma experiência do “lá fora”, mas “cá dentro” Rogosin encontra uma terrível rima visual entre a fauna da Bowery e a fauna que os Aliados descobriram e documentaram nos campos de extermínio. Na Bowery não se vivia, sobrevivia-se. Conta Rogosin que a maior parte da equipa que trabalhou no seu filme haveria de falecer pouco tempo depois; entre eles, estava Gorman que nunca chegou a ver a versão final do filme – donde a homenagem no começo. Como observa Arnaud Lambert, no texto *online* «Walk on the wild side», Gorman é uma espécie de Virgílio para o regressado Ray, um mestre/guia, contudo pouco fiel, nesta sua nova entrada no inferno do alcoolismo.

Os infernos do século XX serão objeto de sátira em *Good Times, Wonderful Times* (1966), filme que alterna, numa montagem contrapontual chocante, imagens de um *cocktail party* londrino com imagens de arquivo que atravessam a história euro-americana dos conflitos armados do século passado. As acusações de que as imagens tendem a espetacularizar o horror da guerra são contra-argumentadas com um gesto, ousado, que inverte a ordem da equação, já que aqui são as imagens encontradas, por exemplo as “imagens apesar de tudo” da Segunda Guerra Mundial, que tornam pornográficas as imagens do *cocktail*. Há como que uma transferência que faz a banalidade do horror jogar com a encenação grotesca e insupor-

tável de uma trivialização dessa mesma banalidade. Enfim, é como se Rogosin dissesse que a própria “banalidade do mal” corre o risco de se trivializar. ♣

Luís Mendonça

¹ Como Giorgio Agamben descreve minuciosamente em *Quel che resta di Auschwitz*, os “Muçulmanos” eram os inadaptados dos campos de concentração, que se arrastavam num estado de morte lenta, indiferentes a tudo o que os rodeava, inclusivamente o seu próprio destino. Eram corpos ainda animados, abatidos pela má nutrição, que, à distância, pareciam estar a rezar virados para Meca – daí o seu nome.

On the Bowery



Lionel Rogosin · 1956 · EUA · 65'

Pela *Bowery*, bairro problemático em Nova Iorque, os marginais da sociedade acabavam entregues à sua miséria, e donde raramente voltavam a sair. Rogosin olha para a vida suspensa destes homens, recorrendo não a atores, mas a habitantes da zona. Este filme, que perdura no tempo, é como visitar um lugar do qual não se sai incólume. Feito de pequenos momentos que compõem um retrato da humanidade a desvanecer, é como se estivéssemos perante uma sucessão de fotografias, que são assim ampliadas pelo assombro de rostos perdidos. A história de Ray, um desses homens à procura de alguma salvação, representa outras histórias esquecidas, e ilustra como pesava a passagem do tempo neste sítio sem esperança. **JA**

SÁB 05 Rivoli Auditório IAC · 18:30

The Perfect Team: The Making Of On The Bowery



Michael Rogosin · 2009 · França/EUA/Itália · 46'

A obra de Lionel Rogosin mantém-se como uma das mais influentes e atuais, pela forma como combinava o género documental com a ficção. Rogosin, um soldado americano que queria continuar a combater o fascismo e o racismo depois da Segunda Guerra, tinha como intenção filmar o apartheid em África, mas primeiro realiza *On The Bowery* como processo de aprendizagem. *The Perfect Team* serve de *making of* e é um valioso documento para explicar a importância histórica desse filme. Com uma entrevista ao próprio Rogosin, e outros depoimentos de historiadores e artistas, descobrimos a história por trás do filme, e a forma como Rogosin juntou uma equipa de colaboradores, entre técnicos e atores, que foi encontrada na própria *Bowery*. **LM**

SEG 07 Rivoli Auditório MO · 10:00

Filme + Masterclass Michael Rogosin

Come Back, Africa



Lionel Rogosin · 1959 · África do Sul/EUA · 86'

Em 1957, Lionel Rogosin viajou até à África do Sul para registar as condições de vida durante o *apartheid*, como nunca tinha sido feito antes. Através de filmagens clandestinas e sem recorrer a atores, o filme alterna entre o documental e a ficção, revelando uma realidade escondida. As imagens dos bairros negros mostram uma população que vive em condições miseráveis, onde a música parece mascarar a tristeza oprimida. Mas é a história de Zachariah, um homem à procura de um sentido e da sobrevivência da sua família, que funciona como metáfora deste país. Nesta história criada para representar tantas outras parecidas, a realidade parece ficção e a ficção confunde-se com a realidade, envolta em ecos de revolta e desespero. **JA**

TER 08 Passos Manuel · 16:30

Exposição Fotográfica



Durante o festival estará patente uma exposição de fotografias de Lionel Rogosin, no Foyer do Auditório Isabel Alves Costa do Teatro Municipal Rivoli. Esta iniciativa pretende assinalar o ciclo de filmes de Rogosin no festival, obras fundamentais do documentário político. A partir de uma seleção feita por Michael Rogosin, filho de Lionel e que estará presente no Porto, esta coleção é exemplificativa do olhar de Rogosin, da qualidade intemporal e enquadramento social das suas imagens.

Rivoli Foyer Auditório IAC
Apresentação da Exposição por Michael Rogosin no dia 5 de dezembro às 18:00

Homenagem Chantal Akerman

Deixou Bruxelas a arder

Chantal Akerman nasce a 6 de junho de 1950, em Bruxelas, descendente de uma família de judeus polacos. Radical, caminhou sempre nas extremidades, firmando, ao longo dos mais de 50 títulos, um percurso ímpar, disperso entre géneros e formas várias que atravessam a ficção, o documentário, a televisão, a videoinstalação, a performance. É com a câmara virada para si própria que em *Saute ma ville* (1968), primeiro filme e filme de escola, dá a ver um sentimento de inadaptação que não mais a abandonará, deixando antever, já pelo título, a sua intenção explosiva. Porque não há redefinição sem *tabula rasa*, engendrou, com o seu cinema, planos de destruição para a sociedade. Destruição dos códigos geracionalmente transmitidos. Destruição dos tempos e dos automatismos. Destruição das *stars* e da ilusão. Destruição das expectativas que o feminino sobre si carrega. Aos 25 anos, já regressada de Nova Iorque, assinará em Bruxelas a sua obra-prima – *Jeanne Dielman, 23 quai du Commerce, 1080 Bruxelles* (1975) – uma revolucionária formulação da sintaxe cinematográfica, fundada sobre uma minuciosa estrutura laboratorial que faz da duração a preparação indispensável para o conhecimento do objeto. Intimamente alicerçada na passagem do tempo, esta construção definida por blocos, abertos por intertítulos que correspondem aos dias – de terça a quinta-feira – em que acompanhamos o quotidiano de Jeanne, dá a sentir a mortalidade contida no peso das horas, num autêntico tratado sobre a *durée* que se distende ao longo de 201 necessários minutos e entre poucos mas longos planos-sequência. Em cada dia que repete o anterior, a monotonia das mesmas tarefas de dona de casa constrói a opressiva roti-

na desta viúva de meia idade que testemunhamos de perto. Envolto numa brutal sinfonia de banalidades, sofremos até ao sufoco os limites deste mundo historicamente destinado ao feminino. O rigor dos planos fixos, a luz fria, o silêncio cortante, a geometria das linhas que delimitam cada cenário, os planos protagonizados pelos micro-gestos que inquietam a imobilidade geral de tudo – sem picos dramáticos, o tempo adensa-se e, no rumor que nasce das pequenas inquietações que vão sabotando a ordem esperada dos dias, instala-se o drama.

As medidas do eu

Em 1974, Akerman realiza a primeira longa, *Je, tu, il, elle*, uma essencial negação das convenções que estereotiparam as representações das mulheres pela arte europeia. Neste filme, a artista dá literalmente corpo ao manifesto, numa exposição direta que, culminante com o ato homossexual feminino, constitui uma laminar cisão com todas as construções pelas quais a arte, durante séculos, considerou o espectador masculino como destino do retrato da nudez feminina. Esta mulher já não é a figura passiva que aguarda, convidativa, no seu leito desarmado: a sua nudez é uma redução do seu corpo à sua solidão indivisível, num abandono autónomo. No interior de um quarto imune às coordenadas da sociedade, enfrenta de si para si uma purga duríssima que se traduz num trabalho de escrita, durante o tempo necessário até cumprir a sua lei interna. Neste projeto de reconstrução do feminino, a tensão entre o interior e o exterior é central: contra a casa-cárcere que critica em *Jeanne Dielman*, com o seu nunca-acabar de encargos domésticos, Akerman isola o conceito de quarto como um símbolo de autonomia, momento em que a so-

cidade se interrompe para possibilitar à mulher o seu projeto de emancipação. *La Chambre* (1972), *Je, tu, il, elle* (1974) ou *Un divan à New York* (1996), participam desse movimento de elevação da vida privada do ser: o quarto é medida do eu. Esta tão basilar correspondência entre a intimidade e o desenvolvimento da criação artística, que o legado de Chantal sintetiza, cumpre-se em toda a sua simplicidade na curta-metragem *Trois strophes sur le nom de Sacher* (1989), protagonizada pelo abandono de uma mulher ao seu violoncelo, e a sua compenetração prolonga-se num fluxo ininterrupto, alheio aos ritmos das vidas vizinhas e à passagem do tempo.

Corpo concreto

Escreveu José Gil que “a consciência do corpo é a consciência do movimento”, e é em busca de uma proximidade do real que Chantal combina a representação, a dança, a performance para um retrato real dos corpos até ao seu despojamento. *Je, tu, il, elle* (1974), *Jeanne Dielman* (1976), *Toute une nuit* (1982), *J’ai faim, j’ai froid* (2008), *Golden Eighties* (1986), *Saute ma ville* (1968), praticamente todos os seus filmes de ficção servem como exemplos do minimalismo assente na concentração de uma intenção num só gesto, potenciando-o em significância e consequência. Essa fragmentação simbólica, que acontece como uma reconstrução da gramática dos gestos e dos movimentos, é uma proposta de análise estrutural da relação entre estes corpos e o seu meio envolvente, numa reconstrução da posição da mulher face às dinâmicas da tensão feminino/masculino. Este é irredutivelmente um cinema de mulheres, tanto no elenco como na equipa técnica. Apesar das gavetas de experimental e *avant-garde*, o centro da obra de Akerman é oposto à abstração –



a força do seu cinema alicerça-se numa interpelação concreta, na explicitude das fundações materiais. Inscreve a linguagem direta dos corpos na universalidade dos mais simples enunciados humanos: as raparigas de *J’ai faim, j’ai froid* (2008) estão unidas por circunstâncias de fome, frio, juventude e falta de dinheiro; a mulher e o homem de *Toute une nuit* (1982) aproximam-se porque partilham da mesma solidão; as raparigas de *Portrait d’une jeune fille de la fin des années 60 à Bruxelles* (1994) alimentam a curiosidade pueril com a mesma inexperiência; a monotonia das tarefas repetitivas dá-nos a sentir o tédio profundo de qualquer dona de casa em *Jeanne Dielman*. Em suma, o corpo é reduzido à sua intransitiva condição de unidade basilar. Há uma qualidade esquemática, coreográfica, nestas formas que traduzem a proximidade de Chantal da dança contemporânea, que descobriremos a fervilhar aquando da

sua chegada a Nova Iorque, nos anos 70 – e à qual dirigirá, em 1983, uma mais concreta homenagem com *Un jour Pina a demandé* (1983).

A identidade da memória

Dominique Paini relembra como, tal como Philippe Garrel, Akerman pertence à geração pós *nouvelle vague*, que se distancia dos precedentes cineastas-críticos com um conjunto de primeiros filmes livres, intimistas, autoexpositivos e escassos em diálogo, “ímmunes à logorria” que atravessara a década anterior do cinema francófono. Cineastas à frente e atrás da câmara alicerçam estas insubstituíveis obras na identidade da memória pessoal. Muito particularmente, são obras fundadas numa ideia de genealogia: como é estrutural ao cinema de Garrel ser filho de Maurice e seguidamente pai de Louis, Chantal assumiria em *I Don’t Belong Anywhere* (2015) que “a minha mãe é o cen-

tro do meu cinema”. E é precisamente à mãe Natália, sobrevivente do Holocausto, a que dedica uma despedida, no retrato íntimo que testemunhamos em *No Home Movie* (2015). Neste último projeto, abandona Bruxelas como no primeiro, adiantando pelo título o seu lamento: nos quartos esvaziados da presença, instala-se o vazio defronte da origem tão literalmente perdida. Falta a casa, ponto de fuga dissolvido. A judia belga que aos 15 viu nascer em si a vontade de fazer filmes depois de uma sessão de *Pierrot le fou*, decidiu deixar-nos aos 65 anos, depois de ter assinado alguns dos maiores filmes alguma vez feitos. Ficam as palavras que Philippe Garrel lhe dedica, à despedida: “A todos aqueles que não se podem satisfazer com a vida tal como ela é, é a arte que os salva”.

Sabrina D. Marques

(Uma versão completa deste texto está disponível em www.portopostdoc.com)

I Don't Belong Anywhere – The Cinema of Chantal Akerman



Marianne Lambert · 2015 · Bélgica · 67'

No Home Movie



Chantal Akerman · 2015 · Bélgica · 115'

Foi a sua relação íntima com a sua mãe, Natalia, imigrante polaca e sobrevivente de Auschwitz, o que Chantal Akerman sucessivamente retratou em pequenos vídeos domésticos, e que em *No Home Movie* se ordenam em tributo a quem a havia já deixado. Concretiza-se, através do cinema, a intenção de imortalizar: observamos os ritmos lentos de uma rotina resguardada, no interior de um apartamento em Bruxelas, e de tal forma se sentem de perto que é como se a realizadora assim cedesse a própria pele. No privilégio de um olhar privado, o espectador é testemunha do seu sentimento e o título do filme torna-se evidente – para lá das paredes reconhecidas, Bruxelas já não é ponto de retorno quando ficou a faltar quem a fazia sentir-se em casa. **SM**

TER 01 Passos Manuel · 22:15

Inserida na programação School Trip
Amiga de longa data, Marianne Lambert esboça de Chantal um retrato em movimento. Entre Nova-Iorque, Paris, Bruxelas e Tel Aviv, o nomadismo da autora conduz uma obra em uníssono com a vida. Pela voz da realizadora belga, demoramo-nos sobre alguns excertos dos seus mais de 40 filmes e conhecemos as motivações e contextos que enquadraram e deram forma a uma tão singular visão do cinema. Testemunhos de colaboradores contextualizam esta passagem geral por uma obra precursora, viva e plural que nunca pertenceu a outro lugar que não ao futuro – e que continuará, como assume o realizador Gus Van Sant, a influenciar as gerações seguintes. **SM**

QUI 03 Rivoli Auditório IAC · 10:00
Filme + Masterclass Marianne Lambert



News From Home

Chantal Akerman · 1976 · EUA/França · 85'

Inserida na programação Cartes Blanches
Dennis Lim

Nova Iorque é testemunha da massa anónima de pessoas que vão passando sem deixar marca, em permanente circulação para lado algum, neste filme-poema. Através de fragmentos desconexos, Akerman procura algo além da cavernosa solidão que transparece das multidões. Ouvimos as cartas da sua mãe, que se sucedem como as pessoas na rua, como trivialidades próprias da vida. Estamos em 1977 e há uma crise económica, Akerman salta de emprego em emprego, a mãe queixa-se da saúde, a cidade esvazia-se. **JA**

SEG 07 Passos Manuel · 22:15



Brothers

Quando se pensa o conceito de adolescência, importa ressaltar que é inverosímil fazê-lo caber em construções teórico-culturais categóricas. Dada a sua complexidade, não é sensato aprisioná-lo em modelos absolutos e universais. Mais: refletir sobre adolescentes como se se tratasse de uma unidade social estanque, de um grupo constituído, estável, com interesses comuns e associado a uma idade biológica específica, constitui uma óbvia manipulação. Por isso, os arquétipos e as visões estereotipadas devem ser combatidos. A identidade adolescente é

sempre o produto do jogo interacional entre o indivíduo e a sociedade em que o mesmo se encontra inserido.

O cinema é um veículo privilegiado para interrogarmos a verdadeira natureza das identidades adolescentes. São inúmeras as questões socioculturais que cabem no universo adolescente e que podemos ver ali abordadas: a expressão artística (a curiosidade, a criatividade e a imaginação) como forma de combater o isolamento e a solidão; o ativismo político contra forças sociais consideradas opressoras; as

questões raciais; a “falência” ou a recomposição de instituições ditas tradicionais, como a família ou a igreja; a guetização; a luta de classes; o desvio da norma e o fascínio pelo interdito; o escape e a alienação; a descoberta do corpo e o pulsar da sexualidade (e a formação da identidade sexual); a multiplicidade de plataformas de socialização; a relação com a cidade ou com o lugar; as “tribos urbanas” (ou os neotribalismos típicos das sociedades massificadas), entre muitas, muitas outras.

A fragmentação das identida-

des juvenis seria justamente uma das principais consequências da pós-modernidade. Zygmunt Bauman, um dos mais proeminentes pensadores do declínio da civilização, atreveu-se a ir mais longe, ao substituir a noção de pós-modernidade pela de *modernidade líquida*.

Pensar em termos de modernidade líquida significaria pensar o processo de formação de identidades como algo cada vez mais dinâmico, fluido, veloz e até ambíguo. A principal característica dos laços humanos seria a sua fragilidade. Ser *líquido* é o que

caracteriza as relações humanas na atualidade. O mundo virtual substitui parcialmente o contato face-a-face e as relações humanas tornam-se transitórias e fugazes. Existe um lado perverso no recurso à tecnologia que nos liga uns aos outros e não há dúvida que sofremos, todos, as consequências dessa mesma transitoriedade.

Os sujeitos adolescentes que vivem nesta época de incerteza, neste contexto de fluidez, de atomização e de impermanência, *não são todos iguais*, não obstante a globalização e a consequen-

te massificação cultural. Mas podem ser, ao mesmo tempo, *frágeis* – devido às circunstâncias instáveis e efêmeras sobre as quais se constroem as suas identidades – e *fortes* – na medida em que conseguem, com alguma facilidade, absorver conhecimentos e ser protagonistas de uma multiplicidade de papéis sociais. O período da adolescência é, pois, tão intrincado como o mundo que o enforma. ⚡

Tânia Leão

The Wolfpack ^{EN}



Crystal Moselle · 2015 · EUA · 90'

Nova Iorque pode ser um lugar solitário e assustador. Milhões de janelas fechadas escondem outras tantas famílias. Mas com certeza nenhuma como esta. *The Wolfpack* mostra-nos os irmãos Angulo, que vivem presos no seu apartamento em Manhattan, como uma tribo secreta. Este isolamento forçado pelo pai deles é uma forma de defesa contra os males do mundo moderno e dos perigos da grande cidade. Tudo o que eles conhecem do exterior é a realidade dos filmes que veem e recriam apaixonadamente. É, pois, o cinema a sua única janela para o mundo, onde eles se transformam nas personagens dos filmes, criam os adereços e reescrevem os guiões. Mas a sua imaginação acaba por ultrapassar a mera curiosidade e o cinema já não chega para os manter naquele exílio. **AO**

IER 01 Rivoli Auditório MO · 22:00

Cerimónia de Abertura do Festival

Brothers ^{EN}

Aslaug Holm · 2015 · Noruega · 101'

Markus e Lukas são dois irmãos noruegueses. Ao longo de oito anos a mãe, a realizadora Aslaug Holm, filmou-os no seu crescimento entre a sua casa no centro de Oslo e a casa de férias em Smøla. Apesar de possuírem personalidades distintas, Markus sonha em tornar-se jogador profissional do Liverpool, enquanto Lukas é uma criança mais irreverente. Num movimento poético e maternal, o filme capta de forma perfeita a ligação entre dois irmãos. **SG**

QUA 02 Rivoli Auditório IAC · 18:30

Sessão em parceria com **Shortcutz Porto e CurtoCircuito FIC**

Teenage Riot



A rebeldia natural da juventude e a celebração da cultura *pop* juntam-se num programa conjunto com o Festival Internacional de Cinema CurtoCircuito de Santiago de Compostela e Shortcutz Porto – movimento internacional de curtas-metragens, uma autêntica revolução urbana de ideias. *Teenage Riot* abre as portas a seis filmes curtos que incitam os mais jovens a pensar pela própria cabeça, a lutar por ideias e ideais, num mundo que premeia a padronização do pensamento. A revolta adolescente faz-se de amor e provocação. **CN**

Teenland

Marie G. Sørensen · 2014 · Dinamarca · 30'

Un Creux Dans Mon Coeur

Mees Peijnenburg · 2015 · Holanda · 9'

Ártún

Arnar Gudmundsson · 2014 · Islândia · 20'

Videojuegos

Cecilia Kang · 2014 · Argentina · 17'

A Million Miles Away

Jennifer Reeder · 2014 · EUA · 28'

QUA 02 Maus Hábitos · 22:00

Listen to Me Marlon



Stevan Riley · 2015 · EUA · 102'

Ídolo de várias gerações de adolescentes e um dos maiores atores da história do cinema, Marlon Brando sempre protegeu a sua vida privada. Mas, pela primeira vez, temos agora a oportunidade de conhecer o homem por trás do mito, através da montagem eletrizante de Stevan Riley de mais de 200 horas de gravações áudio do próprio Brando que são acompanhadas com diversas imagens de arquivo. Mergulhamos na sua voz inconfundível, que nos conta a sua vida familiar e profissional, partilhando os seus pensamentos mais íntimos e uma autorreflexão do que foi a sua existência complexa e perturbada enquanto ator e ser humano. **LQ**

SEX 04 Passos Manuel · 22:15

School Trip



Vários Autores

Ver School Trip página 36.

DOM 06 Rivoli Auditório MO · 18:00

Los Hongos ^{EN}

Stevan Riley · 2015 · EUA · 102'

Oscar Ruiz Navia · 2014 · Argentina/Colômbia/França/Alemanha · 103'

Oscar Ruiz Navia volta à sua cidade natal (Cali, Colômbia) para filmar *Los Hongos*, uma história de amizade entre dois jovens *graffiters*. Apesar das classes sociais e contextos familiares distintos, a ânsia pela liberdade criativa une Ras e Calvin, que deambulam pela cidade ora de *skate* ora de bicicleta. Um retrato emocionante da adolescência e sua alienação, e da importância da amizade quando o mais difícil é manter o equilíbrio entre os momentos de diversão, descoberta sexual, posição política ou responsabilidade familiar. **LQ**

IER 08 Rivoli Auditório IAC · 22:30



		Terça, 01	Quarta, 02	Quinta, 03	Sexta, 04	Sábado, 05	Domingo, 06	Segunda, 07	Terça, 08
Rívoli Auditório Manoel de Oliveira Horários Bilheteira 14:00-22:00 (ou 1h antes da primeira sessão e até início da última sessão) Praça D. João I, Porto +351 22 606 30 00	10:00	-	-	-	-	-	-	Working Class Heroes + School Trip THE PERFECT TEAM: THE MAKING OF ON THE BOWERY Michael Rogosin + Masterclass	-
	18:00	-	-	-	-	-	Teenage "SCHOOL TRIP"	Cinefiesta NOITE SEM DISTÂNCIA Lois Patiño VERENGO Víctor H. Seoane	-
	21:00	-	-	-	-	Cinema Falado + Grande Plano PORTO DA MINHA INFÂNCIA Manoel de Oliveira	-	-	-
	22:00	CERIMÓNIA DE ABERTURA + TEENAGE THE WOLFPACK Crystal Moselle	-	-	-	Doc is the New Black THE VANITY TABLES OF DOUGLAS SIRK Mark Rappaport IRIS Albert Maysles	Cinema Falado A GLÓRIA DE FAZER CINEMA EM PORTUGAL Manuel Mozos LIFE GOES ON Albano Silva Pereira	Cerimónia de Entrega de Prémios + Persona MOTHER'S WISH Joonas Berghäll	-
Rívoli Auditório Isabel Alves Costa	10:00	-	School Trip VISÕES ESTEREO-SCÓPICAS (MANIFESTO TRIDIMENSIONALISTA) MASTERCLASS – 3D Edgar Pêra	School Trip + Homenagem Chantal Akerman I DON'T BELONG ANYWHERE LE CINÉMA DE CHANTAL AKERMAN Marianne Lambert + Masterclass	-	-	-	-	-
	15:00	Competição #01 COMING OF AGE Teboho Edkins	Competição #03 TOPONIMIA Jonathan Perel	Competição #05 A TOCA DO LOBO Catarina Mourão	Competição #07 LAS LETRAS Pablo Chavarría Gutiérrez	Competição #09 WHITE COAL Georg Tiller	Competição #11 LAS VEGAS IN 16 PARTS Luciano Piazza	-	Cinema Falado A CAUSA E A SOMBRA Tiago Afonso
	18:30	Cinefiesta SOL MIHI SEMPER LUCET Álvaro Fernández-Pulpeiro O FUTEBOL Sérgio Oksman	Teenage BROTHERS Aslaug Holm	Foco Thom Andersen — ----- (AKA THE ROCK N ROLL MOVIE) Thom Andersen EADWEARD MUYBRIDGE, ZOOGRAPHY Thom Andersen, Fay Andersen, Morgan Fisher	Carte Blanche: Dennis Lim THE ANTHEM Apichatpong Weerasethakul SYNDROMES AND A CENTURY Apichatpong Weerasethakul	Working Class Heroes ON THE BOWERY Lionel Rogosin	Cinema Falado COMO SE Daniel Blaufuks	-	Cinefiesta LA FIESTA DE OTROS Ana Serret Iuarte
	22:30	Competição #02 THE EVENT Sergey Loznitsa	Competição #04 KILLING TIME – ENTRE DEUX FRONTS Lydie Wisshaupt-Claudel	Competição #06 BEHEMOTH Zhao Liang	Competição #08 EXOTICA, EROTICA, ETC. Evangelia Kranioti	Competição #10 PORTUGAL – UM DIA DE CADA VEZ João Canijo, Anabela Moreira	Competição #12 CARTEL LAND Matthew Heineman	-	Teenage LOS HONGOS Oscar Ruiz Navia
Passos Manuel Horários Bilheteira 15:30-22:30 (ou até início da última sessão) Rua Passos Manuel 137, Porto +351 222058351	16:30	Competição #08 EXOTICA, EROTICA, ETC. Evangelia Kranioti	Competição #10 PORTUGAL – UM DIA DE CADA VEZ João Canijo, Anabela Moreira	Competição #12 CARTEL LAND Matthew Heineman	Competição #02 THE EVENT Sergey Loznitsa	Competição #04 KILLING TIME – ENTRE DEUX FRONTS Lydie Wisshaupt-Claudel	Competição #06 BEHEMOTH Zhao Liang	Cinefiesta L'ACCADEMIA DELLE MUSE José Luis Guerin	Working Class Heroes COME BACK, AFRICA Lionel Rogosin
	19:00	Competição #07 LAS LETRAS Pablo Chavarría Gutiérrez	Competição #09 WHITE COAL Georg Tiller	Competição #11 LAS VEGAS IN 16 PARTS Luciano Piazza	Competição #01 COMING OF AGE Teboho Edkins	Competição #03 TOPONIMIA Jonathan Perel	Competição #05 A TOCA DO LOBO Catarina Mourão	Foco Thom Andersen GET OUT OF THE CAR THE TONY LONGO TRILOGY JUKE: PASSAGES FROM FILMS BY SPENCER WILLIAMS	Persona IN JACKSON HEIGHTS Frederick Wiseman
	22:15	Homenagem Chantal Akerman NO HOME MOVIE Chantal Akerman	Transmission BLUR: NEW WORLD TOWERS Sam Wrench	Foco Thom Andersen RED HOLLYWOOD Thom Andersen	Teenage LISTEN TO ME MARLON Stevan Riley	Carte Blanche LES RENCONTRES INTERNATIONALES	Foco Thom Andersen THE THOUGHTS THAT ONCE WE HAD Thom Andersen	Carte Blanche: Dennis Lim + Homenagem Chantal Akerman NEWS FROM HOME Chantal Akerman	Transmission KEITH RICHARDS: UNDER THE INFLUENCE Morgan Neville
	24:00	Transmission DJ Senhor Guimarães	Transmission Affreixo DJ Set	Transmission André Covas + José Alberto Gomes	Transmission THE MOVEMENT OF PHILL NIBLOCK Maurits Wouters + Festa 25 Anos Matéria Prima	Transmission Line Of Two	Transmission Mads B. Mikkelsen (CPH:DOX) + Vicente Pinto Abreu (7 Magníficos)	Transmission CVLT (Discos Capablanca) + MVRIA	Transmission Sérgio Gomes BREAKS Ida. & Convidados
Maus Hábitos Horários Bilheteira 1h antes de cada sessão Rua Passos Manuel 178, 4º Piso, Porto +351 222087268	17:00	-	-	-	-	-	Transmission DON'T THINK I'VE FORGOTTEN: CAMBODIA'S LOST ROCK AND ROLL John Pirozzi + DJ Astrokid (DJ Set)	-	-
	22:00	-	Teenage Programa Curtocircuíto TEENAGE RIOT	Transmission + Cinema Falado BAIRRISMOS Pedro Neves CERCADOS André Tentugal, Vasco Mendes	-	-	-	-	-
	24:00	-	Transmission Pela del Álamo (Curtocircuíto)	Transmission PROJECTO OUPA! André Tentugal DJ set + Conv.	-	-	-	-	-
Rívoli Café Concerto entrada gratuita	11:00	-	-	-	Fórum do Real Mesa 1	-	-	-	-
	14:30	-	-	Encontro Europa Criativa	Fórum do Real Mesa 2	-	-	-	-
	17:00	-	-	-	Fórum do Real Mesa 3	-	-	-	-
	23:30	-	-	-	-	-	Transmission + Porta Jazz THE NADA	-	-

Documentar o Imaginário



Em 2014, na primeira edição do Fórum do Real, colocámos uma questão, que para nós se torna central na programação de um festival de documentário: onde está o real? Essa pergunta era obviamente provocatória porque, como programadores de imagens em movimento, sabíamos que o cinema guarda em si todas as ambivalências do real. Ou, para sermos mais precisos, todos os reais conflitantes do nosso mundo. O debate que se proporcionou confirmou esse lugar onde nos colocamos e que sabemos ser demasiado escorregadio e instável para podermos afirmar a existência de um único real.

O passo seguinte – que aqui propomos este ano – é olhar para o nosso mundo percebendo como o podemos entender através do cinema. À adversidade de um real instável vamos contrapor a necessidade de construção de um *imaginário*. Todos nós assumimos identidades – a nacio-

nal, a sexual, a de classe social ou a clubística, entre muitas outras – mas como Stuart Hall nos mostrou de forma tão candente, essas identidades são, tão só, posições em que nós, sujeitos do mundo, nos colocamos provisoriamente. As identidades são representações do mundo que nos são oferecidas e a que nós aderimos. São imaginários.

O historiador Benedict Anderson – uma das autoridades centrais para uma mudança do olhar nacionalista sobre o mundo – esclareceu, ainda nos anos 80, aquilo que ele designou por *comunidade imaginada*. Esse conceito estruturava-se à volta de uma história do nascimento das nações, uma história muito curiosa porque, ao contrário do que somos levados a crer, ela é produto da revolução francesa do final do século XVIII e não um sentimento constante e ancestral. Para Anderson, a comunidade imaginada nasceu na confluência de di-

versos acontecimentos, sendo central a emergência dos meios de comunicação de massa, sobretudo, numa primeira fase, do livro e da imprensa. Com esses meios, os membros de uma nação “nunca conhecerão, nunca encontrarão e nunca ouvirão falar da maioria dos outros membros dessa mesma nação, mas, ainda assim, na mente de cada um existe a imagem da sua comunhão”. O “capitalismo de imprensa”, como ele o chamou, permitiu uma representação comum, partilhada. Permitted a criação de uma identidade nacional.

O imaginário é, portanto, uma representação de mundo. O cinema, e em especial o cinema documental, tem uma função necessariamente importante na construção de imaginários (e, muitas vezes, na sua manipulação). O jogo entre os imaginários criados pelo cinema e a hegemonia de certas imagens (a televisão

O Fórum do Real é realizado em parceria com o **CITAR** (Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes), **Escola das Artes, Universidade Católica Portuguesa** no âmbito do “Ano do Cinema e Audiovisual Português”, do Instituto de Cinema e Audiovisual

ou o cinema industrial) é complexo, obrigando a uma constante posição crítica sobre as imagens que vemos. Documentar o imaginário deve ser, portanto, uma forma de questionar as representações do mundo, propondo pontos de convergência onde o cinema se abre à ambivalência do real. Nesse sentido, a força do imaginário, no cinema, está em que não precisa, necessariamente, de ser um espelho fotográfico dos objetos, mas uma construção em que as possibilidades de nar-

rativa e de encenação são tão fortes como os momentos captados numa ingénua “autenticidade”.

O cinema documental tem, nesse sentido, a capacidade de inventar novos mundos, de produzir utopias que combatam o estado atual do mundo, das suas crises e das suas indignidades. O cinema é uma arma para construir outros mundos possíveis: para combater e propor novos imaginários. ⚡

Daniel Ribas

Mesa 1

Criar, programar, documentar o imaginário

Tanto ao nível da criação de obras de arte, como da curadoria ou do pensamento artístico, o panorama português tem sido intensamente vibrante. Este painel olhará o tema do Fórum a partir dos lugares de origem dos seus participantes: a criação, a programação ou o pensamento sobre as imagens em movimento e a sua capacidade para reinventar a realidade, criando imaginários.

André Príncipe
João Ribas
Catarina Mourão
António Pinto Ribeiro
Moderação **Daniel Ribas**

SEX 04 Rivoli Café Concerto • 11:00-13:00

Mesa 2

A reinvenção do documentário contemporâneo

O Porto/Post/Doc colocou-se, através da sua programação, no mapa de um circuito de festivais internacionais que partilham uma programação de risco dedicada ao documentário. Os presentes neste painel são programadores experientes dos festivais mais importantes da Europa. Será, certamente, uma discussão dedicada às tendências mais criativas na zona do documentário.

Jean-Pierre Rehm
Denis Lim
Mads Mikkelsen
Jean-François Rettig
Paolo Moretti
Moderação **Victor Paz Morandeira**

SEX 04 Rivoli Café Concerto • 14:30-16:30

Mesa 3

Galiza e Portugal: um imaginário comum

As relações fronteiriças entre Galiza e o Norte de Portugal são uma aposta de futuro, cujos resultados têm sido vistos nos últimos anos. O debate proporcionará uma história desta relação, mas também uma ideia do que é ainda possível fazer. O carácter diversificado do painel permitirá um olhar múltiplo sobre esta realidade e sobre as condições que ela proporciona ao cinema português e ao cinema galego.

Beli Martinez
Nuno Rodrigues
Manolo González
Lois Patiño
Moderação **Martin Pawley**

SEX 04 Rivoli Café Concerto • 17:00-19:00

Um cinema que já não é “outro”

Cinema de margens, alternativo, periférico, alterado. Um cinema novo e, sobretudo, um cinema que é “outro”. Nos últimos anos, escreveram-se milhares e milhares de caracteres para descrever e colocar um nome na efervescência de uma criação fílmica espanhola não submetida (ou menos submetida) à tirania das necessidades e convenções da indústria, que o mercado (e, especialmente, a televisão) tolera como possível a sul dos Pirenéus. Mas a questão é que – retirando Almodóvar – a grande maioria dos autores espanhóis que conseguiram, recentemente, difusão e reconhecimento mundial, encaixam den-

tro desse cinema que chamam “outro”, de Albert Serra a Lois Patiño. Não será a hora de assumir que o “outro” é realmente o “primeiro”, o centro, o coração de um setor vivo mas martirizado pela crise económica e pelas políticas *culturizadas*?

Os modelos de produção de há vinte anos são hoje uma quimera. Para sobreviver é preciso multiplicar o talento e reduzir a equipa ao mínimo. Cresce a vontade de risco, questão obrigatória agora que as tendências se propagam a toda a velocidade e o grande sucesso num festival pode ser uma moda antiga duas temporadas depois. Uma câmara e um

computador são suficientes para realizar um filme e isso facilita o trabalho sem limites de tempo e com material narrativo pessoal, mesmo íntimo. A não-ficção abre caminho ao território da liberdade e experimentação e obtém, por fim, o espaço de visibilidade que merece. De passagem, convida o espectador a questionar os seus preconceitos: quanto há, na não-ficção, de construção, de invenção por parte do autor? O que nos importa mais: a carga de *realidade* ou a carga de *verdade* que há num filme? **‡**

Martin Pawley

A secção Cinefiesta conta com o apoio da **Secretaria de Estado da Cultura do Ministério da Educação, Cultura e Desporto Espanhol**

Sol Mihi Semper Lucet ^{EN}



Álvaro Fernández-Pulpeiro · 2015
Espanha · 16'

Os locais e os cenários reais de *Sol Mihi Semper Lucet* são a parte documental. Uma coleção de vozes, com as suas pequenas histórias, percorre as imagens do filme, criando assim a ilusão de uma narrativa, para evocar um estado de espírito, num híbrido entre o documental e a ficção. As planícies infindáveis do Texas e um incandescente pôr-do-sol transformam-se assim nas telas para ilustrar uma série de pensamentos sobre a condição humana, numa meditação a partir do real. **JA**

TER 01 Rivoli Auditório IAC · 18:30

O Futebol



Sergio Oksman · 2015 · Espanha · 70'

Depois de uma longa separação, um pai e um filho reencontram-se durante o mundial de futebol do Brasil, em 2014. O filho é cineasta e documenta o tempo partilhado entre ambos. Mas a morte aparece e transforma tudo. *O Futebol* não é um registo transparente e direto de umas semanas de vida em comum, mas é antes uma obra minuciosamente reescrita e reelaborada ao longo de meses de montagem, necessários para enfrentar, com elegância e pudor, materiais tão delicados como a família e a doença. Um filme sem golpes de efeito melodramáticos, honesto e nobre e, por isso mesmo, muito emocionante. **MP**

Noite Sem Distância



Lois Patiño · 2015 · Portugal/Espanha · 23'

A distância estende-se pela noite dos contrabandistas na Serra do Gerês. As fronteiras esbatem-se, uma a uma: primeiro entre Galiza e Minho, depois entre passado e presente, lei e crime. Com elementos documentais e ficcionais, este filme prima por uma abordagem estética e formal inovadoras, em que as imagens nos são apresentadas de forma espectral. O tempo nos trilhos do contrabando é passado quase sempre em silêncio, e nessa distância do transporte a paisagem é a mais muda das testemunhas. **LQ**

SEG 07 Rivoli Auditório MO · 18:00

Verengo ^{EN}



Víctor Hugo Seoane · 2015 · Espanha · 61'

Em *Verengo*, encontramos uma tranquilidade melancólica nas paisagens bucólicas de uma quinta na Galiza, onde o tempo parece correr de forma diferente. O filme, que começa com um vídeo caseiro com mais de vinte anos, assume o registo intimista de um quotidiano familiar e de pequenos rituais. Neste local, perdido nas montanhas e isolado da agitação do resto do mundo, as imagens hipnóticas da natureza revelam as origens desta família, mas também um modo de vida que se extingue a cada nova geração. **JA**

La Fiesta de Otros ^{EN}

Ana Serret Ituarte · 2015 · Espanha · 73'

Retrato afetuoso sobre La Orquestra Trotamundos, uma banda popular que tocava nas *verbenas* espanholas, viajando de terra em terra para proporcionar um espetáculo visual e sonoro incomparável. O retrato desta festas dos outros é tanto mais nostálgico porque, lentamente, as *verbenas* passam de moda, ou passam a ser outra coisa: a música que os jovens agora gostam é outra, e a Orquestra Trotamundos já não enche as praças como o fazia antes. Neste filme, cumpre-se uma espécie de luto por uma tradição que acaba, num olhar atento e muitas vezes poético da realizadora Ana Serret Ituarte, para quem o interesse está no que fica depois de terminada a festa e nos períodos de inverno em que a banda deixa de trabalhar. **DR**

TER 08 Rivoli Auditório IAC · 18:30

L'Accademia Delle Muse



José Luis Guerin · 2015 · Espanha · 92'

Autoproclamando-se como “uma experiência pedagógica filmada”, este filme mostra um professor decidido a explorar o conceito da mulher como musa, enquanto conversa com os alunos sobre poesia, história clássica e afetos. Porém, à medida que os diversos relacionamentos do professor com as suas alunas se tornam evidentes, o que começa como um documentário pode afinal não o ser. Um filme desconcertante que desafia fronteiras entre géneros, questionando a perceção do espectador. **JA**

SEG 07 Passos Manuel · 16:30



Transmission

Tudo na vida sabe melhor se partilhado. A Sétima Arte passa a vida a imiscuir-se nas outras artes. Um parceiro fiel, desde sempre, foi a música. Aquela que, para muitos, é a Primeira Arte, está na génese da secção Transmission. O poeta e dramaturgo William Shakespeare dizia: “se a música é o alimento do amor, ela que toque”. Já o lendário guitarrista Keith Richards, que vai estar em destaque este ano, conclui: “depois da comida, ar, água e calor, a música é a próxima necessidade da vida”. Nós acrescentamos o cinema. Daí explorar-

mos as múltiplas relações entre a música e as imagens em movimento. Além de um documentário sobre o guitarrista dos Rolling Stones (*Keith Richards: Under the Influence*), olhamos com atenção o regresso dos Blur de Damon Albarn (*Blur: New World Towers*). Contudo, a vida não é só pop, cultura, sexo, drogas e *rock and roll*, é também o minimalismo sensorial de Phill Niblock! Transmission é também música ao vivo, com concertos (Projecto Oupa de André Tentugal, mentor dos We Trust, e Capicua), DJ SETS (Mads

B. Mikkelsen, o programador do CPH: DOX), e a magnífica festa de encerramento do Porto/Post/Doc. O objetivo é fazer crescer o público que nos acompanha. Uma das razões para o êxito desta secção foi a escolha dos locais, separados apenas por uma rua, e que vamos manter nesta segunda edição: o Passos Manuel e o Maus Hábitos – Espaço de Intervenção Cultural, acrescentando o Teatro Rivoli. **TS**



Don't Think I've Forgotten: Cambodia's Lost Rock and Roll

John Pirozzi · 2014 · Camboja/EUA/França 107'

O Camboja na década de 60 assistiu ao nascimento de um novo género musical, com origem no cruzamento das influências musicais ocidentais com a sua própria música tradicional. Era extremamente popular mas, como tantos outros símbolos culturais, sofreu os efeitos devastadores da purificação ideológica da ditadura que se veio instalar. Quase foi erradicado, mas esta é uma procura pela memória coletiva deste *rock and roll* esquecido, estritamente ligado aos acontecimentos que moldaram o país. **TS**

Blur: New World Towers ^{EN}



Sam Wrench · 2015 · Reino Unido · 93'

Um documentário sobre uma das bandas mais emblemáticas da *britpop* dos anos 90, focado principalmente no seu último trabalho, o imprevisível “The Magic Whip”. O filme, que usa o título de uma canção desse álbum, centra-se em três eventos cruciais na história recente dos Blur: as inesperadas sessões de gravação em Hong Kong onde foi criado “The Magic Whip”, o regresso a Londres para um concerto particularmente entusiasmante em Hyde Park e a nova visita a Hong Kong para a apresentação do novo álbum. *Blur: New World Towers* é um registo sobre o renascimento da química entre uma banda, que parece esquecer a fadiga e os problemas pessoais para fazer aquilo que melhor sabe: *rock'n'roll*. **AO**

QUA 02 Passos Manuel · 22:15

Cercados



André Tentugal, Vasco Mendes · 2015 Portugal · 24'

Cercados é um retrato: parte do bairro do Cerco, como ponto de vista para a cidade, explora-o como conceito e condicionamento (geográfico, social e identitário), e celebra-o como coletivo. Tomando o *Oupa* como pretexto (um projeto social em forma de residência artística, integrado na iniciativa “Cultura em Expansão” do Pelouro da Cultura da CMP, desenvolvido em 2015 no Bairro do Cerco do Porto, por uma equipa de psicólogos e artistas), *Cercados* não se reduz a um documentário ao estilo *making-of*, nem se fica só pela apresentação dos jovens que participaram nas várias oficinas realizadas. É um filme emocional, que fala sobre superação, união e força, centrando-se na juventude da zona oriental do Porto e na forma como olha para si, para o futuro e para a música como redenção. **AF**

QUI 03 Maus Hábitos · 22:00

sessão + concerto *Projecto Oupa!*
5 euros



The Movement of Phil Niblock ^{EN}

Maurits Wouters · 2015 · Bélgica · 61'

Sessão promovida no âmbito do 25º Aniversário da Matéria Prima
Nunca a máxima “menos é mais” assentou tão bem. Este é o retrato de Phil Niblock, compositor de música *drone*, música minimalista que usa a repetição de sons, notas ou *clusters*. Niblock nasceu nos EUA em 1933. Começou por ser o fotógrafo pessoal de Charles Mingus e Duke Ellington. Passou, também, pelo cinema experimental. Quando fez 60 anos, os Sonic Youth deram um concerto em sua casa. O filme segue o ritmo hipnótico das suas músicas, filmado em tons cinzentos e baços, com a música monocórdica de fundo. É um documento para memória futura, Niblock está velho e a ficar surdo. **CN**

SEX 04 Passos Manuel · 24:00

Keith Richards: Under the Influence ^{EN}



Morgan Neville · 2015 · EUA · 82'

A propósito do primeiro álbum a solo em mais de 20 anos – *Crosseyed Heart* – o realizador Morgan Neville (*A Dois Passos do Estrelato* – Óscar de Melhor Documentário 2014) fez aquilo que o comum mortal só pode sonhar – passou várias horas na companhia de Keith Richards. A “influência” do título não são as drogas ou o álcool, é mais o que a música *blues*, *country* e *reggae* fez pelo lendário guitarrista dos Rolling Stones. Um dos principais arquitetos do *rock and roll* despe a pele de vedeta, e deixa que o espectador conheça o septuagenário que começou a ouvir música com a mãe e foi desafiado pelo avô a tocar guitarra. **CN**

TER 08 Passos Manuel · 22:15

Festas + Concertos

Porque os dias do festival não terminam na saída da sala de cinema. Oito noites de diversão entre o Passos Manuel e os Maus Hábitos que contarão com a presença de: DJ Senhor Guimarães, Pela del Álamo (Curtocircuito), Rodrigo Afreixo, Projecto OUPA!, André Tentugal, André Covas, José Alberto Gomes, Matéria Prima, Line of Two, DJ Astrokid, Mads B. Mikkelsen (CPH:DOX), Vicente Pinto Abreu (7 Magníficos), THE NADA (Porta Jazz), CVLT, MVRIA, Sérgio Gomes | BREAKS Ida... Mais informações em www.portopostdoc.com

Cinema Falado

O cinema de língua portuguesa tem demonstrado uma grande vitalidade, com a produção de diversos filmes com grande destaque nos festivais internacionais. Em Cinema Falado, o Porto/Post/Doc procura mostrar os melhores documentários realizados em Portugal, Brasil e nos PALOPs, de forma

Bairrismos ^{EM}

Pedro Neves · 2015 · Portugal · 61'

Quase 30% da população da cidade do Porto vive em bairros camarários. É uma vivência especial, onde os bairros se tornam pequenas aldeias com costumes e tradições próprias. Contudo, são também vítimas de estigmatização e de preconceitos. *Bairrismos* é um olhar sobre a realidade de seis bairros municipais da cidade do Porto. Da zona oriental à ocidental da cidade, ouvimos e vemos os habitantes dos bairros Rainha D. Leonor, Cerco, Duque de Saldanha, São João de Deus, Santa Luzia e bairro da Maceda.

QUI 03 Maus Hábitos · 22:00



a tornar visíveis essas obras, muitas vezes com dificuldade de exibição comercial. Em 2015, veremos vários filmes portugueses, alguns dos quais em estreia absoluta. A diversidade de temáticas é também evidente: filmes sobre fotógrafos, revolucionários ou escritores que queriam ser cineas-

Porto da Minha Infância



Manoel de Oliveira · 2001 · Portugal · 62'

Filme na primeira pessoa, votado às recordações de Manoel de Oliveira, e, mais do que isso, às suas lembranças de juventude na cidade que o viu nascer (e que ele viu, durante um século, transformar-se), *Porto da Minha Infância* precipita, num mesmo movimento anamnésico, uma espiral de tempos e de lugares. O Porto que o filme retrata é e não é o Porto da infância de Oliveira, a época que o filme convoca é e não é da atualidade do passado. Nome próprio e substantivo comum, é antes, e simultaneamente, porto de partida e porto de chegada. E é no remexer de tempos e de espaços perdidos, no turbilhão que faz do cinema, simultaneamente, a arte da ilusão presente e a arte do presente tornado fantasmagoria, que somos levados, como o disse João Bénard da Costa, por entre ruínas, “ao passado, passado visto do presente, carregado de tempo”. **AP**

SÁB 05 Rivoli Auditório MO · 21:00

tas. Mas também filmes sobre o Porto (a memória do Porto e dos seus bairros) e filmes que evocam a história terrível da humanidade. Com estas obras, o cinema falado em português interroga-se: na sua história ou na sua memória, permitindo uma discussão sobre o presente. ⚡

Como Se ^{EN}



Daniel Blaufuks · 2015 · Portugal · 90'

Daniel Blaufuks mostra-nos Theresienstadt, cidade da República Checa onde as crianças brincam, os carros passam, a vida corre tranquilamente. Lembramo-nos de *Austerlitz* (W.G. Sebald) quando vemos os grandes portões para o gueto judeu, o holocausto entranhado em todas as pedras da fachada. Pode um lugar esquecer o seu passado? Uma nova reflexão sobre o universo concentracionário, que nos mostra não só o lugar presente (em muitos casos, já musealizado) como o contrapõe com excertos de filmes de propaganda nazi sobre Theresienstadt e com filmes de ficção de várias origens que romantizam este período histórico. A memória é indelével, temos de continuar a ouvir “os gritos intermináveis”. **LQ**

DOM 06 Rivoli Auditório IAC · 18:30

A Glória de Fazer Cinema em Portugal



Manuel Mozos · 2015 · Portugal · 15'

Será que a descoberta de um rolo de película com imagens filmadas em Vila do Conde na década de 30 é um reflexo de uma vontade expressa por José Régio de fundar o cinema português? O escritor enviara uma carta a um amigo seu sinalizando essa vontade de experimentar o cinema, e este documentário procura agora esclarecer essa descoberta, cruzando diversos factos convergentes e que parecem provocar uma revolução na história do cinema português. **DR**

DOM 06 Rivoli Auditório MO · 22:00

Life Goes On



Albano Silva Pereira · 2015 · Portugal · 32'

“Uma pessoa pode fazer um milhão de fotos num minuto”. Este desabafo de Robert Frank ao seu amigo Albano é uma daquelas verdades de que todos estamos cientes. Mas também é um desabafo triste entre Frank e o realizador que, num registo bastante próximo e espontâneo, vão aos poucos revelando vivências mútuas. Não é na obra de Frank que está focada a atenção da narrativa, mas sim no homem, no artista, na pessoa. Albano Silva Pereira mostra-nos neste filme (quase) caseiro o *habitat* de Frank, entre fotografias, livros e provas de contacto, com tal proximidade que quase podíamos dizer que estamos a espiar atrás da porta esta conversa entre amigos. Mas o realizador deixa-a encostada, para nós vermos mais um pouco. E a vida continua. **AO**

A Causa e a Sombra ^{EM}

Tiago Afonso · 2015 · Portugal · 95'

Em Portugal era padre, no Brasil foi revolucionário. Alípio de Freitas mudou-se de Bragança para São Luís do Maranhão em 1957. Deixou a pobreza para viver no meio da miséria. O golpe militar de 1964, que depôs João Goulart, afastou o padre português da igreja e aproximou-o dos comunistas. Zeca Afonso dedicou-lhe uma canção, depois de ele ter sido preso e torturado em 1970. O realizador Tiago Afonso ouviu as suas memórias e os seus ideais. Alípio continua a combater, mas agora usa outras armas. **CN**

TER 08 Rivoli Auditório IAC · 15:00



Dennis Lim

Programador principal da Film Society of Lincoln Center, em Nova Iorque, Dennis Lim é um dos mais reputados críticos e programadores de cinema. Foi editor no *Village Voice* entre 2000-2006 e crítico do *The New York Times*

entre 2006-2013. Tem escrito para várias publicações como *The Los Angeles Times*, *Artforum* e *Cinema Scope*. É um autor curioso pelo cinema do mundo e, em especial, pelo cinema português. ⚡

The Anthem ^{EN}

Apichatpong Weerasethakul · 2006
Tailândia · 5'

Na Tailândia, país maioritariamente budista e ritualista, ainda hoje se cumpre a tradição de tocar o Hino Real antes de várias cerimónias, nomeadamente nas sessões de cinema. Em *The Anthem*, uma ode ao poder da música e ao poder do cinema, Apichatpong apresenta-nos duas pequenas histórias, formal e tematicamente opostas, reinterpretando os costumes do seu país e criando assim uma nova cerimónia de purificação cinematográfica. **LQ**

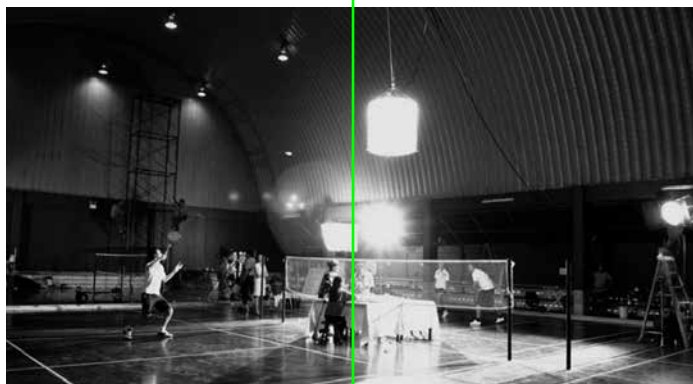
Syndromes and a Century



Apichatpong Weerasethakul · 2006
Tailândia/Austria/França · 105'

A Tailândia é um território cinematográfico por excelência de Apichatpong Weerasethakul. Em *Syndromes and a Century*, o cineasta procura perscrutar as contradições entre uma sociedade ancestral e os avanços da medicina atual. Não é que essa dualidade seja o mais importante para discutir, mas antes as pequenas minudências das personagens que vivem no interior dessa contradição, dentro dos hospitais, com as suas doenças modernas e métodos iconoclastas de curar. Para o cineasta, o que interessa é o ser humano, nas suas subtis variações de humor, num gesto cinematográfico afetuoso e quase ingénuo. É este cinema que parece fazer vibrar o que há de mais profundo na nossa humanidade. **DR**

SEX 04 Rivoli Auditório IAC · 18:30



News From Home

Chantal Akerman · 1976 · EUA/França · 85'
Ver Homenagem Chantal Akerman,
página 16.

Les Rencontres Internationales

Considerado um dos principais acontecimentos dedicados à imagem em movimento e às suas práticas contemporâneas na Europa, os Les Rencontres Internationales são um fórum de pesquisa e exibição do melhor do novo cinema e da arte contemporânea. Nathalie Hénon e Jean-François Rettig são

os seus diretores e programadores. O festival tem como objetivo oferecer mais do que uma simples apresentação das obras: é um fórum intercultural que reúne vários convidados de todo o mundo – artistas e realizadores, instituições e organizações emergentes – para testemunhar as suas refle-

xões e as suas experiências, em contextos artísticos e culturais que estão muitas vezes a passar por mudanças profundas. Na sessão dedicada à carta branca deste festival, serão exibidas várias curtas-metragens de produção recente e que exploram as contradições do nosso mundo contemporâneo. ⚡



Preludium

Dominik Ritszel · 2013 · Polónia · 7'

Village modèle

Hayoun Kwon · 2014 · Coreia do Sul/
França · 10'

Los rastreadores

Claudia Joskovicz · 2014 · EUA/Bolívia
· 23'

Decision Pending

Tomas Hendriks · 2014 · Bélgica · 29'

Silphium

Lina Selander, Oscar Mangione · 2014 ·
Suécia/Alemanha · 22'

SAB 05 Passos Manuel · 22:15

Sessão Especial **Doc is the New Black**

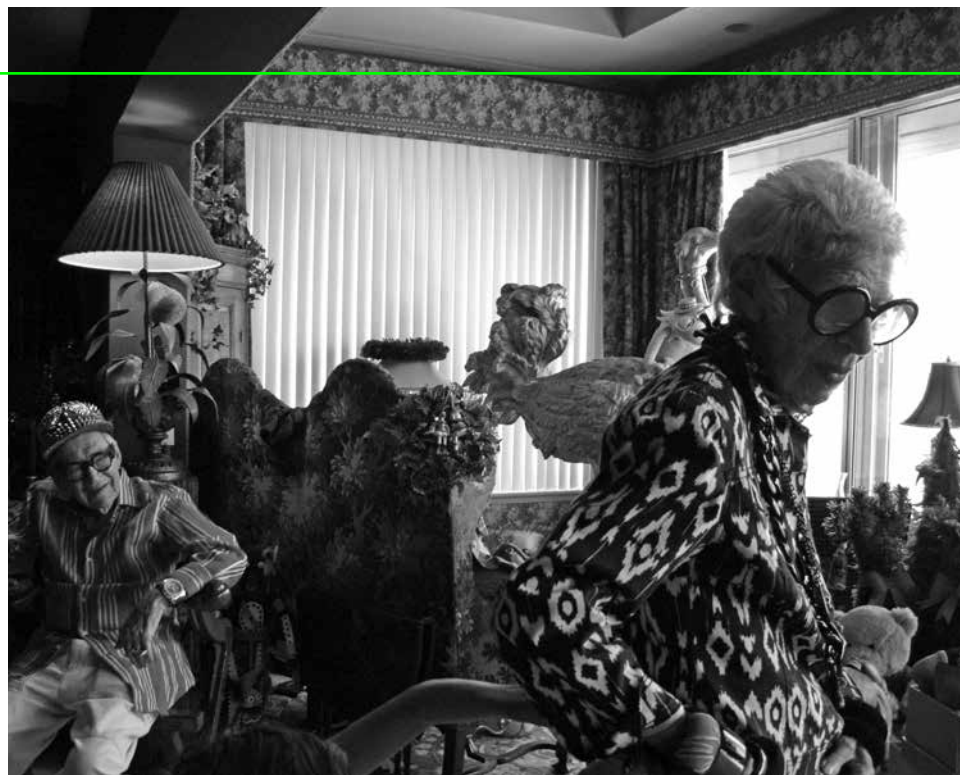
The Vanity Tables of Douglas Sirk



Mark Rappaport · 2014 · EUA/França · 11'

Atenção aos detalhes! Mark Rappaport traz-nos mais um sublime ensaio filmico, desta vez sobre um dos *props* mais usados no cinema – os toucadores (*vanity tables*). Que histórias suscitam, o que revelam sobre as mulheres que os usam, qual o simbolismo do seu reflexo? É possível desvendar o mistério na filmografia de Douglas Sirk, realizador visionário e mestre do melodrama, que permitiu às mulheres serem muito mais do que meros acessórios nas narrativas de Hollywood. **LQ**

SÁB 05 Rivoli Auditório MO · 22:00



Iris ^{EN}

Albert Maysles · 2014 · EUA · 78'

Iris é daquelas personagens com que me identifico automaticamente por ser tão extraordinariamente autêntica e surpreendentemente criativa. Mais do que apenas o *hype* em torno de Apfel o desenrolar do filme de Albert Maysles mostra uma abundante e contagiante energia à volta do ser individual, algo sobre o qual deveríamos refletir e nos inspirar. *Iris* é uma lição de estilo que nos estende à imortalidade! **MF**

Sessão Especial **Persona**

Mother's Wish ^{EN}



Joonas Berghäll · 2015 · Finlândia/Portugal/Suécia/Dinamarca · 90'

Da Finlândia ao Cazaquistão, do Brasil à Índia, da Rússia ao Uganda, da China aos Estados Unidos da América, do Gana à Islândia, da Austrália a Portugal. Mulheres de diferentes partes do mundo contam a sua história, tendo a maternidade como ponto comum. Mulheres que lutam contra incríveis adversidades dão ao espectador esperança. O desejo da mãe é a vontade de deixar um mundo melhor para os seus filhos. As histórias pessoais são no fundo batalhas políticas e sociais pelo reconhecimento do papel da mulher na nossa sociedade. **CN**

SEG 07 Rivoli Auditório MO · 22:00

Cerimónia de Entrega de Prémios

Sessão Especial **Persona**

In Jackson Heights

Frederick Wiseman · 2015 · EUA · 190'

Frederick Wiseman, um caçador natural de histórias, encontra na comunidade profundamente multicultural de *In Jackson Heights*, em Nova Iorque, um bairro numa crise de identidade. Por um lado, a ameaça económica da gentrificação empurra aos poucos os habitantes e pequenos negócios para fora do bairro. Por outro, a população não deixa de celebrar as suas diversidades e origens, como forma de afirmação cultural e de subsistência, ao mesmo tempo que procura integrar-se na sociedade americana. **JA**

TER 08 Passos Manuel · 19:00



O Porto/Post/Doc adotou como missão alfabetizar e educar para e pelo cinema, numa tentativa de contrariar a tendência atual de escassez de cinemas e de público, criando e educando novas audiências. Surgiu assim o Serviço Educativo, de nome *School Trip*, com o intuito de colmatar uma lacuna ao nível de Programas Educativos de Cinema e fazer com que, através de iniciativas próximas dos alu-

nos, o Cinema vá até às escolas e os estudantes às salas de Cinema.

Esta iniciativa tem como principal parceiro a Escola Secundária Artística de Soares dos Reis, onde dinamizamos *masterclasses* dirigidas por tutores de áreas artísticas relevantes, articuladas com a produção de várias curtas-metragens documentais sobre realidades e histórias do Porto com os alunos do Curso de Comu-

nicação Audiovisual da Escola Artística de Soares dos Reis. A iniciativa englobou também visitas de alunos de várias escolas às nossas sessões e, a partir desta edição, um júri composto inteiramente por alunos do ensino secundário de várias escolas da cidade. ⚡

Tiago Dias dos Santos

Exposição Fotográfica

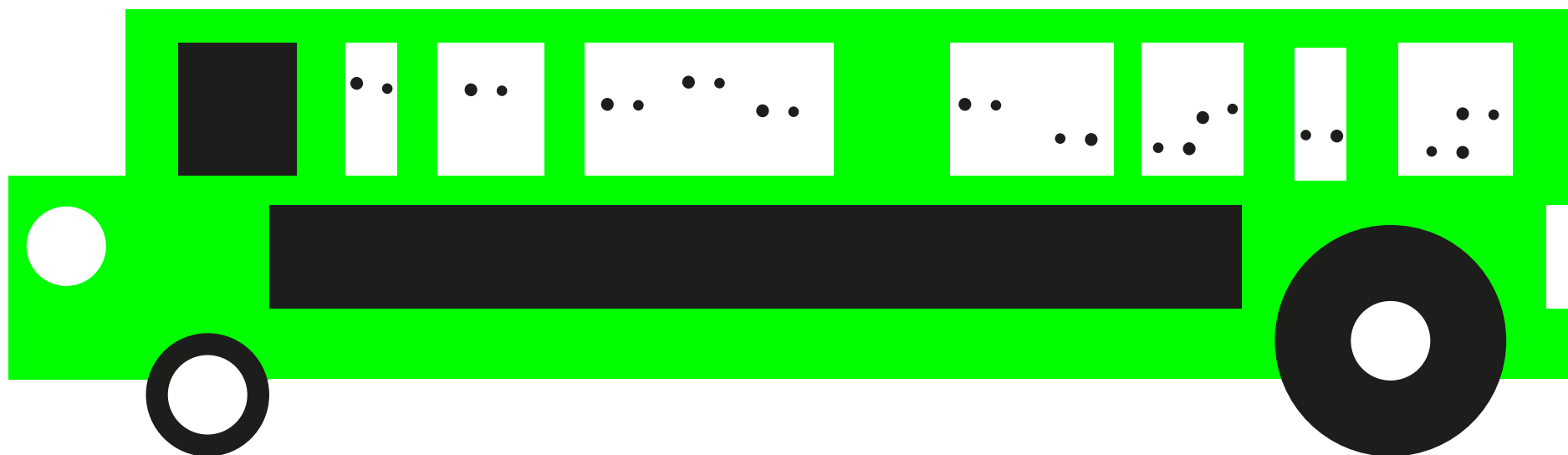
School Trip não se resume à produção de curtas metragens documentais. No Maus Hábitos teremos uma exposição de fotografia dos alunos da Escola Artística Soares dos Reis com uma parte alusiva ao tema deste ano, composta por autorretratos dos alunos, e outra com trabalhos subordinados ao tema "Porto".

Maus Hábitos

Encontro Europa Criativa

Organizado em parceria com o Centro de Informação Europa Criativa, este encontro terá um debate com produtores convidados, moderado por Rodrigo Areias, e uma sessão de apresentação do Apoio Europa Criativa MEDIA – Desenvolvimento de Projetos.

03 Rivoli Foyer • 15:00-18:00



School Trip

Em 2015, desafiámos novamente os alunos da Escola Artística de Soares dos Reis a partilharem connosco as suas visões sobre a cidade do Porto e o seu universo de histórias. O resultado foi uma seleção de curtas-metragens documentais realizadas pelos alunos do 12º ano do Curso de Comunicação Audiovisual. **TS**

DOM 06 Rivoli Auditório MO • 18:00

Memo

Pierre Levchenko · 2015 · Portugal · 4'

A Rede

Mariana Pinto · 2015 · Portugal · 5'

O Porto Envelhece Melhor em Barris de Caralho

Renata Mottironi · 2015 · Portugal · 5'

Outra Vez

Vicente Mateus · 2015 · Portugal · 9'

Pulvis

Matilde Guimarães · 2015 · Portugal · 4'

Enquanto Puder

Susana Leão · 2015 · Portugal · 4'

O Porto É Só

Soraia Maia · 2015 · Portugal · 7'

Nozes

Victor Sá · 2015 · Portugal · 8'

Visões Estereo-Scópicas (Manifesto Tridimensionalista)

Desde 2011 que Edgar Pêra filma regularmente no formato 3D. Esta é uma sessão única e irrepetível que será formada pela exibição de cine-diários e excertos de filmes de Edgar Pêra – todos em 3D – que serão comentados e explicados pelo realizador.

QUA 02 Rivoli Auditório IAC • 10:00

Masterclass com Edgar Pêra

I Don't Belong Anywhere – The Cinema of Chantal Akerman

Marianne Lambert · 2015 · Bélgica · 67'

Nesta sessão será exibido um documentário sobre Chantal Akerman, seguido de uma masterclass com a autora, Marianne Lambert, que falará sobre a obra da cineasta belga. Ver mais detalhes na página 15.

The Perfect Team: The Making Of On The Bowery

Michael Rogosin · 2009 · França/EUA/Itália · 46'

Integrado no foco Lionel Rogosin, este documentário mostra o método de produção do cineasta, contado pelo seu filho Michael Rogosin, que estará presente para conversar com os espectadores. Ver mais detalhes na página 12.

júri

Beli Martínez

Licenciada em Comunicação Audiovisual e Publicidade e Relações Públicas, Beli Martínez (A Guarda, 1980) partilha a produção de documentários – de entre os quais estão *Arraianos* (Eloy Enciso, 2012), *Vikíngland* (Xurxo Chirro, 2011) e *Jet Lag* (Eloy D. Serén, 2013) – com a docência na Escola de Imaxe e Son de A Coruña e na Universidade de Vigo. Prepara atualmente a sua tese de doutoramento sobre o cinema de não-ficção na Galiza.

Carmen Gray

Nascida na Nova Zelândia mas radicada em Berlim, Carmen Gray é crítica de cinema para publicações prestigiadas como *The Guardian*, *The Observer*, *Sight & Sound*, *Screen International*, *The Calvert Journal*, *Senses of Cinema* e a revista cultural da Estónia *Sirp*. Foi também editora de cinema da revista *Dazed*. Atualmente participa da equipa de cinema independente Wolf in Berlin e faz parte do comité de seleção da Semana da Crítica do Festival de Berlim.

Cíntia Gil

Estudou Cinema na Escola Superior de Teatro e Cinema e Filosofia na FLUP, onde integrou o Grupo de Investigação “Estética, Política e Artes” e deu início a uma tese de Doutoramento, tendo publicado e apresentado comunicações em diversos contextos académicos nacionais e internacionais. Desde 2011 programa no Doclisboa, e desde 2012 integra a sua direção, tendo também programado diversas retrospectivas e dado início a novos projetos de programação e atividades profissionais. Fez parte de júris em diversos festivais de cinema, como FID Marseille, Mar del Plata, entre outros.

Inês d’Orey

Uma das promissoras fotógrafas da nova geração, Inês d’Orey nasceu no Porto em 1977 e estudou fotografia na London College of Printing, em Londres. Tem desenvolvido diversos trabalhos fotográficos, expondo e publicando tanto em Portugal como no estrangeiro. Em 2007, venceu o prémio Novo Talento Fotografia FNAC. Atualmente faz parte da agência Dear Sir e é representada pela Galeria Presença.

Sandro Fiorin

Fundador da produtora e distribuidora FiGa Films, radicada em Los Angeles, Sandro Fiorin tem promovido e distribuído conteúdo latino-americano na América do Norte, representando também esse conteúdo para todo o mundo. Cresceu no Rio de Janeiro e estudou em escolas de cinema em São Paulo (FAAP) e Nova Iorque (New School). Tem uma longa carreira na indústria de cinema e já passou por empresas como the Film Forum, Universal e First Look Films.

prémios

Grande Prémio Porto/Post/Doc
Prémio Atelier des Créateurs
By Associação des Savoir-Faire: 2000€

Prémio Biberstein Gusmão
(para autor até 35 anos)
Residência artística Moinho da Fonte Santa

Prémio Teenage
Prémio atribuído por um grupo de alunos de escolas do Porto a um filme de um conjunto previamente selecionado.

extensões
porto/post/doc

Lisboa
Cinamateca Portuguesa
Foco Thom Andersen
e Lionel Rogosin
7, 9 e 10 de dezembro 2015

Faro
Teatro Municipal de Faro
– Teatro
das Figuras
20 e 21 de janeiro 2016

CPH:DOX*

5

15

nov
2015

Copenhagen International
Documetary Film Festival





04-09 | OCT | 2016
SANTIAGO DE COMPOSTELA
CURTOCIRCUITO.ORG

CURTOCIRCUITO
FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINE

<http://dokufest.com>

CALL FOR
APPLICATIONS
OPENS
1-11-2015


**DOKU
FEST**

International Documentary
and Short Film Festival
Prizren / Kosova

Edition XV

5-13 August 2016

 dokufestprizren

 dokufest

 dokufest

27^e INTERNATIONAL
 — FILM FESTIVAL
 marseille — 12 - 18 JULY 2016



FIDLab

28^e INTERNATIONAL
 COPRODUCTION — 14 & 15 JULY 2016
 PLATFORM



DOCUMENTAMADRID 2016

XIII FESTIVAL INTERNACIONAL DE DOCUMENTALES DE MADRID

27 ABRIL / 8 MAYO
www.documentamadrid.com



Organização
Porto/Post/Doc Festival de Cinema Associação Cultural
+351 918 736 930
Rua Cândido dos Reis 46, 2d
4050-151 Porto, Portugal

Direção
Dario Oliveira

Coordenação de Programação
Daniel Ribas
Dario Oliveira
Sérgio Gomes

Comité de Seleção da
Competição
Amadeu Silva
André Puertas Oliveira
Carolina Rufino
Daniel Ribas
Dario Oliveira
Joana Machado
Lidia Queirós
Pedro Neves
Sérgio Gomes
Tiago Dias dos Santos

Coordenação e Programação
Fórum do Real
Daniel Ribas
Dario Oliveira

Programação Thom Andersen,
Chantal Akerman, Cinefiesta
Daniel Ribas
Dario Oliveira
Sérgio Gomes

Programação Working Class
Heroes (Lionel Rogosin)
Daniel Ribas
Dario Oliveira

João Araújo
Luís Mendonça
Sabrina D. Marques
(À Pala de Walsh)

Programação Transmission,
Teenage e Cinema Falado
Daniel Ribas
Dario Oliveira
Lidia Queirós
Sérgio Gomes

Paulo Vinhas
(Transmission, Matéria Prima)

Tiago Dias dos Santos
(School Trip)

Relações Institucionais
Carlos Martins

Administração e Finanças
Sofia Reis

Produção Executiva
André Puertas Oliveira
Sérgio Gomes

Coordenação Editorial
Daniel Ribas
Lidia Queirós

Textos Magazine
Amadeu Silva (AS)
Ana Fernandes (Capicua) (AF)
André Puertas Oliveira (AO)
António Preto (AP)
Carolina Rufino (CR)
César Nóbrega (CN)
Daniel Ribas (DR)
Dario Oliveira (DO)
João Araújo (JA)
Lidia Queirós (LQ)
Luís Mendonça (LM)
Martin Pawley (MP)
Miguel Flor (MF)
Pedro Neves (PN)
Sabrina D. Marques (SM)
Sérgio Gomes (SG)
Tiago Dias dos Santos (TS)

Redes Sociais
César Nóbrega

Assessoria de Imprensa
Lino Teixeira

Marketing & Apoios
Carolina Rufino
Inês Costa
Joana Mota
Martina Tzvetan
Rita Polido

Coordenação de Convidados
Carolina Rufino

Serviço Educativo
Tiago Dias dos Santos

Assistente de Produção
Thalita Araújo

Coordenação Audiovisual
Amadeu Silva

Fotografia
Renato Cruz Santos

Coordenação Projeção
Cândido Lopes (Cinema nas Estrelas)

Coordenação Legendagem/Spotting
Luís Azevedo (Curtas CRL)

Spot
Pedro Neves (Red Desert)

Design Gráfico
Studio Dobra

Apoio Principal



Apoios Institucionais



Apoios



Apoios à divulgação



Escolas parceiras



